

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

NIETZSCHE

**Contribuições para os Conceitos de Cultura e
Educação nos escritos (jovens) de 1872-1874.**

**ORIENTADOR: PROF. DR. ROGÉRIO MIRANDA DE ALMEIDA
CO-ORIENTADOR: PROF. DR. JOÃO FRANCISCO RÉGIS DE MORAIS**

ALUNO: PAULO ROBERTO VOLPATO

Esta exemplar corresponde à redação
final da dissertação defendida por
PAULO ROBERTO VOLPATO
e aprovada pela Comissão Julgadora.
Data 18 / 05 / 1999
Assinatura: [assinatura]
Orientador(a)

COMISSÃO JULGADORA:

[assinatura]
[assinatura]
[assinatura]

1999



UNIDADE:	BC
N.º CLASSIFICAÇÃO:	Amo
	V888n
V.	38.315
TEMPORAL:	229/99
PROZ.	229/99
PR.	R\$ 11,00
D.	11/08/99
N.º OUV.	

CM-00125542-6

CATALOGAÇÃO NA FONTE ELABORADA PELA BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP

V888n

Volpato, Paulo Roberto.

Nietzsche : contribuições para os conceitos de cultura e educação nos escritos (jovens) de 1872-1874. -- Campinas, SP : [s.n.], 1999.

Orientadores: Rogério Miranda de Almeida e João Francisco Régis de Moraes.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900. 2. Educação - Filosofia. 3. Cultura. 4. Filosofia alemã - Séc. XIX. I. Almeida, Rogério Miranda de. II. Moraes, João Francisco Régis de. III. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

RESUMO

Este é um trabalho, fruto de uma solitária e temerária caminhada, que procura traçar um correlato das contribuições das reflexões de Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900), acerca dos problemas educacionais de sua época, em seus escritos "jovens", de 1872 a 1874, na Alemanha da metade do século XIX, com os atuais problemas educacionais da realidade brasileira.

Procurei também traçar um panorama histórico, contextualizando o pensamento de Nietzsche; uma breve biografia do *meu* querido filósofo e alguns importantes comentários de seu pensamento.

Advirto, desde o início, que trata-se de um trabalho **apaixonado** e procuro contribuir com os leitores, de um modo geral com os leigos, para que não percam seu tempo lendo meu trabalho por inteiro, caso não concordem com as mencionadas advertências iniciais.

Enfim, trata-se de um trabalho que procura contribuir para o engrandecimento da educação brasileira e, ao mesmo tempo, suscitar uma **reflexão filosófica** aprofundada sobre esse mesmo assunto, qual seja: a educação.

Bem vindos!

ABSTRACT

This scholl work describes the young writting of Nietzsche in the period of 1872-1874. It is a phylosophical reflection about education and a introduction to the Nietzsche's thought.

If you are interested by Nietzsche's thought or you would like to know it better, continue reading the whole work. If are not, stop here just now!

(Time to reflection. . .)

Welcome!

Dedicatórias

A **Deus**, Ser e Conceito dos mais complexos, porém quando realmente “Presença” em nossos corações, o mais simples, o mais terno e o mais doce. *Eu me rejubilo pela Tua generosidade;*

à inesquecível memória de **Maria Piedade Vieira Cardoso** que, no meu simples e singular modo de compreender, é agora “*energia não dispersa*”, e que ainda conspira o tempo todo a meu favor. Saudade *humana, demasiadamente humana*. “*Requiem aeternam dona eis, Domine. Et lux perpetua luceata eis.*”;

para Profa. Dra. Constança Marcondes Cesar, Prof. Dr. João Francisco Régis de Moraes, Prof. Dr. José Luiz Sigrist e Prof. Dr. Rogério Miranda de Almeida, pessoas que me incentivaram e me apoiaram para a realização deste trabalho. *Toda minha gratidão e as mais(e)ternas recordações*.

ao Sr. Álvaro Franzin, *meu segundo pai*,

e finalmente, mas jamais por último, para Dr. José Carlos Landini, meu terapeuta; e Dr. Paulo Francisco Nardini, meu psiquiatra. *Presenças das mais iluminadas na (re)construção do que hoje estou podendo ser;*

O meu mais sincero carinho!!!

Agradecimentos

!

aos meus pais, **Rogério e Teresinha**, que constituíram uma bela família, como a dos meus irmãos;

aos meus amigos de graduação na PUCCAMP, **Lúcia Helena Gambetta, Adão José Peixoto e Padre José Eugênio Fávaro**. As conversas e embates (pré)filosóficos nas salas de aulas e na Praça dos Leões. . . .

à **Conceição Aparecida Giacomini Soares e Célia S. Bovolini**, mais que *irmãs*. *Todos os beijos do mundo para vocês* (como no final do filme “Cinema Paradiso”);

ao **Alcides Fernando Gussi, Orlando Tadeu Rodrigues, José Aloísio Dellforno e Rogério Duarte Fernandes dos Passos** (me ensinou a gostar de “U2”^(*)), meus verdadeiros irmãos. *Minha eterna admiração e todo o meu amor para os amigos!!!*;

à **Fany Olivieri, Glória Silva Azevedo, Tereza Cristina Duarte e Maria Amália Cardozo de Almeida Bitar**, com as quais tive a honra e o prazer do convívio no *labor* educacional. Educadoras que tiveram a grande oportunidade de lecionarem nos tempos em que os mestres eram tratados com respeito e dignidade. Serão sempre, e com todo o carinho, (*permitam-me!?!*) as minhas eternas meninas, com quem aprendi muito da verdadeira arte e do amor do **bem educar**. Beijos minhas queridas amigas, beijos em seus corações!!! *Corações de eternas meninas em meu coração. . .*;

à **Elizabeth Anselmo Araújo Bryan**, minha querida “*irmã socorrista*”;

ao **Dr. Plínio Zabeu**, pela valiosa contribuição que me prestou, muitas vezes sem mesmo ter conhecimento disto, *meu muito obrigado*;

às memórias de **Alice Cruz de Lima, Aldo Moretti, Hermínia Quintal Moretti, Amália Corsi Frizzarin e Sérgio Frizzarin** que, ao modo de **Tia Piedade**, são também “*energias não dispersas*” que conspiram a meu favor. *Todas as minhas orações!*;

aos funcionários da pós-graduação da Faculdade de Educação, em *especial* para **Nadir Aparecida Gomes Camacho**, pelo carinhoso trato,

e, finalmente, ao **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq**, pela bolsa de estudos concedida desde o início de 1993 até o primeiro semestre de 1996.

(*) “U2” é um grupo de *rock’n roll* (*maldito*) irlandês formado por: **Bono** (*belíssimos vocais e guitarra*); **The Edge** (*lindíssimos solos de guitarra, teclados e vocais*); **Adan Clayton** (*baixo*) e **Larry Mullen** (*bateria e percussão*). As músicas: *Bullet In The Blue Sky, Exit, All I Want Is You, Misterious Way, Love is Blindness, One, Please, Mofo, If You Wear That Velvet Dress*, etc.

**AMO NIETZSCHE POR DOIS MOTIVOS
MUITO SIMPLES E TAMBÉM
CONTRADITÓRIOS: PRIMEIRO PELA SUA
ABSOLUTA LUCIDEZ E, EM SEGUNDO,
PELA SUA *MAGNÍFICA LOUCURA*; SOBRE
AS QUAIS ME SINTO COMPLETAMENTE
AUTORIZADO A DISCORRER. POSSO
BRADAR SEM TEMOR:
— *EU AMO O “LOUCO” NIETZSCHE!!!***



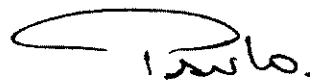
FRIEDRICH WILHELM NIETZSCHE (1844-1900)

**“EDUCAR OS EDUCADORES!
MAS OS PRIMEIROS DEVEM COMEÇAR
POR SE EDUCAR A SI PRÓPRIOS.
É PARA ESSES QUE EU ESCREVO.”**

NIETZSCHE, *Fragmentos Póstumos* — 1875

**DURANTE O CUMPRIMENTO DOS
CRÉDITOS OBRIGATÓRIOS DO CURSO,
UMA DESCOBERTA. *FOFOCAS!*. DOR NA
ALMA. UMA CONSTATAÇÃO. UM SUSTO.
UMA ANGÚSTIA. UM DESABAFO!!...**

01.06.93 - Nietzsche não é um filósofo importante. Minha aprovação no curso de mestrado deveu-se muito mais à minha aplicação nos estudos do que ao tema escolhido para a monografia. Descubra isso neste data. Tudo bem! Buscarei canalizar todas minhas energias para demonstrar a grandeza de Nietzsche.

 Paulo.

9:56 hrs.

**WAGNER!!! O GENIAL COMPOSITOR QUE
UNIU MÚSICA, VÓZ, CENA E DRAMA.
MUITÍSSIMO OUSADO (E POR QUE NÃO
EXTEMPORÂNEO?!?) PARA A SUA
ÉPOCA.**

**EU AMO RICHARD WAGNER!!!
APRIMOROU A NONA SINFONIA DE
BHEETOVEN!!! GRANDE!!!
“*MAESTOSO!!!*”**



“TRISTÃO E ISOLDA”, *LIEBESTOD* (MORTE DE AMOR)
(Quadro do pintor simbolista belga Jean Delville)

**ISOLDES LIEBESTOD
(MORTE DE ISOLDA)**

ISOLDE:
(Isolda:)

Mild und leise
Como é doce e delicado
wie er lächt,
o seu sorriso,
wie das Auge
como abre
hold er öffnet —
os olhos gentis —
seht ihr's, Freunde?
vêm, amigos?
Säh't ihr's nicht?
Não vêm?
Immer lichter
Como ele brilha
wir er leuchtet,
sempre mais luminoso,
stern-umstrahlt
como se ergue alto,
hoch sich hebt?
cercado de estrelas?
Seht ihr's nicht?
Não vêm?
Wie das Herz ihm
Como o seu coração
mutig schwillt,
orgulhosamente se expande,
voll und hehr
e pleno e sublime
im Busen ihm quillt?
lhe pulsa no peito?

Wie den Lippen,
Como dos seus lábios,
wonnig mild,
em um encanto suave,
sußer Aton
um doce alento
sanft entweht —
escapa delicadamente —
Freunde! Seht!
Amigos! Olhem!
Fühlt und seht ihr's nicht?
Não sentem, não vêem?
Hören ich nur
Serei a única a escutar
diese Weise,
esta melodia,
die so wunder-
que maravilhosa
voll und leise,
e suave,
Wonne klagend,
suspirante de alegria,
alles sagend,
inteiramente reveladora,
mild versöhnend
doce e conciliadora
aus ihm tönend,
dele se escapa,
in mich dringer,
e em mim penetra,
auf sich schwinget,
cheia de ímpeto,
hold erhallend
ecoando sublime
um mich klingt?
ao meu redor?
Heller schallend,
Ressoando mais claras,

mich umwallend,
para envolver-me toda,
sind es Wellen
São talvez as ondas
sanfter Lüfte?
de brisas suaves?
Sind es Wolken
Talvez as nuvens
Wonniger Düfte?
de encantadoras fragrâncias?
Wie sie schwellen,
Como se enfunam,
mich umrauschen,
e fremem ao meu redor,
soll ich atmen,
deverei respirar,
soll ich lauschen?
deverei escutar?
Soll ich schlürfen,
Deverei saborear,
untertauchen?
afogar-me contente?
Süß in Düften
Exalar docemente
mich verhauchen?
nesta fragrância?
In den wogenden Schwall,
Na vaga ondejante,
in dem tönenden Schall,
na rima sonora,
in des Welt-Atems
no cosmo inflante
wehendem All —
da respiração universal —
ertrinken,
mergulhar,
versinken —
submergir —

unbewußt —
privada dos sentidos —
höchste Lust!
volúpia suprema! (*)

Tradução: Mário Willmersdorf Jr.
1989 M.W. Editorial Ltda.

(*) Os grifos são meus!...

**EU AMO TAMBÉM OS LOUCOS, OS
PROFANOS, OS CONDENADOS, OS
HEREGES, OS CONTAMINADOS, OS
OUTSIDERS, OS VICIADOS, OS
MALDITOS, OS DOENTES, OS
VAGABUNDOS, OS SUBTERRÂNEOS,
ENFIM, OS SUJOS E *OS SUICIDADOS PELA
SOCIEDADE...*
— *LESEN SIE ALLES, UND SINGEN!!!
SEHR GUT!!!: (*)***

“IF YOU WEAR THAT VELVET DRESS”

(*) — *Leiam vocês todos e cantem. Ótimo!!!*

IF YOU WEAR THAT VELVET DRESS

Se você usar aquele vestido de veludo

LETRA: BONO & THE EDGE

MÚSICA: U2

Tonight the moon is playing tricks again

Esta noite a lua está pregando peças novamente

Feeling sea sick again

Achando o mar novamente doente

*And the hole world could just dissolve. . . into a
glass of water*

E o mundo inteiro poderia apenas se dissolver. . . num copo d'água

I've been good 'cause I know you don't me to

Tenho estado bem porque eu sei que você não me quer

Do you really want me to blue as you

Você realmente quer que eu esteja triste como você

It's her daylight that gets me trough

É a sua luz do dia que me faz alcançar um objetivo

*We've been here before. . . last time you scratched at
my door*

Nós estivemos aqui antes. . . a última vez que você bateu na minha porta

The moon was naked and could I was like a two year old

A lua estava descoberta e fria, eu parecia estar com dois anos de idade

Who just wanted more

Quem apenas queria mais

If you wear that velvet dress

Se você usar aquele vestido de veludo

If you wear that velvet dress

Se você usar aquele vestido de veludo

Tonight the moon has drawn its curtains

Esta noite a lua tem puxado suas cortinas

It's a private show no one else going to know

É um show privado que ninguém mais irá saber

I'm wanting

Eu estou ausente

Sunligth, sunlight fillls my room

A luz do sol, a luz do sol enche o meu quarto

It's sharp and it's clear

É nítido e é claro

But notthng at all like the moon

Mas nada é como a lua

It's okay. . . the struggle for things not to say
Está bem. . . o trabalho pelas coisas nada tem a dizer
I never listened to you anyway
Eu nunca ouvi você de forma alguma
And I got my own hands to pray
E eu peguei minhas próprias mãos para rezar

But if you wear that velvet dress
Mas se você usar aquele vestido de veludo
But if you wear that velvet dress
Mas se você usar aquele vestido de veludo

Tonight the moon is a mirrorball
Esta noite a lua é uma bola de espelho
Like flickers from across the hall
Como a luz vibra através do salão
Who'll catch the star when it falls. . .
Quem pegará a estrela quando ela cair. . .

If you wear that velvet dress. . .
Se você usar aquele vestido de veludo. . .

CARTA AO PAPA

O confessorário não é você, oh Papa, somos nós; entenda-nos e que os católicos nos entendam.

Em nome da Pátria, em nome da Família, você promove a venda das almas, a livre trituração dos corpos.

Temos, entre nós e nossas almas, suficientes caminhos para percorrer, suficientes distâncias para que neles se interponham os teus sacerdotes vacilantes e esse amontoado de doutrinas afoitas das quais se nutrem todos os castrados do liberalismo mundial.

Teu Deus católico cristão que, como todos os demais deuses, concebeu todo o mal:

1º Você o enfiou no bolso.

2º Nada temos a fazer com teus cânones, index, pecado, confessorários, padralhada, nós pensamos em outra guerra, guerra contra você, Papa, cachorro.

Aqui o espírito se confessa para o espírito.

De ponta a ponta do teu carnaval romano, o que triunfa é o ódio sobre as verdades imediatas da alma, sobre essas chamas que chegam a consumir o espírito. Não existem Deus, Bíblia, Evangelhos; não existem palavras que possam deter o espírito.

Nós não estamos no mundo, oh Papa confinado no mundo; nem a terra nem Deus falam de você.

O mundo é o abismo da alma, Papa caquético, Papa alheio à alma, deixe-nos nadar em nossos corpos, deixe nossas almas em nossas almas, não precisamos do teu facão de claridades.

ANTONIN MARIE-JOSEPH ARTAUD — 1925

VAN GOGH: O SUICIDADO PELA SOCIEDADE (*trechos*)

(...)

Pode-se falar da boa saúde mental de van Gogh, que em toda sua vida apenas assou uma das mãos e, fora disso, limitou-se a cortar a orelha esquerda numa ocasião.

num mundo no qual diariamente comem vagina assada com molho verde ou sexo recém-nascido flagelado e triturado,
assim que sai do sexo materno.

E isso não é uma imagem, mas sim um fato abundante e cotidianamente repetido e praticado em todo o mundo.

E assim é que a vida atual, por mais delirante que possa parecer esta afirmação, mantém sua velha atmosfera de depravação, anarquia, desordem, delírio, perturbação, loucura crônica, inércia burguesa, anomalia psíquica (pois não é o homem, mas sim o mundo que se tornou anormal), proposital desonestidade e notória hipocrisia, absoluto desprezo por tudo que tem uma linhagem

e reivindicação de uma ordem inteiramente baseada no cumprimento de uma primitiva justiça;

em suma, de crime organizado.

(...)

Gérard de Nerval não estava louco, mas o acusaram de estar louco para desacreditar certas revelações fundamentais que estava em vias de fazer;

e, além de acusá-lo, certa noite golpearam sua cabeça, golpearam-no fisicamente para que esquecesse os fatos monstruosos que ia revelar e que, por causa deste golpe,

passaram do plano mental para o plano supranatural, pois a sociedade toda, conjurada contra sua consciência, mostrou-se naquele momento suficientemente forte para obrigá-lo a esquecer sua verdade.

(...)

Não, van Gogh não estava louco, mas suas telas eram jorros de substância incendiária, bombas atômicas cujo ângulo de visão, ao contrário de toda pintura de prestígio na sua época, teria sido capaz de perturbar seriamente o conformismo espectral da burguesia do Segundo Império e dos esbirros de Thiers, Gambetta, Félix Faure, assim como os de Napoleão III.

(...)

E o que é um autêntico louco?

É um homem que preferiu ficar louco, no sentido socialmente aceito, em vez de trair uma determinada idéia superior de honra humana. (*)

Assim, a sociedade mandou estrangular nos seus manicômios todos aqueles dos quais queria desembaraçar-se ou defender-se porque se recusavam a ser cúmplices em algumas imensas sujeiras.

Pois louco é o homem que a sociedade não quer ouvir e que é impedido de enunciar certas verdades intoleráveis.

(...)

Assim foi que houve feitiços coletivos nos casos de Baudelaire, Edgar Poe, Gérard de Nerval, Nietzsche, Kierkegaard, Hölderlin (**), Coleridge, e também no caso de van Gogh.

Podem ser feitos durante o dia, mas geralmente são realizados à noite.

Então, estranhas forças são despertadas e levadas à abóbada celeste; a essa espécie de cúpula sombria que, sobre a respiração da humanidade, constitui a venenosa hostilidade do espírito maligno da maioria das pessoas.

É assim que poucas pessoas lúcidas e de boa vontade que se debatem sobre a terra já se viram, em certas horas da noite ou do dia, tragadas pela profundidade de autênticos pesadelos em vigília e rodeadas por uma poderosa opressão tentacular de uma espécie de magia cívica que logo será vista aparecendo nos costumes do modo mais manifesto.

(...)

Diante dessa sordidez unânime que de um lado se baseia no sexo e de outro na missa e outros tipos psíquicos, não há delírio em pesquisar à noite com um chapéu coroadado por doze velas para pintar uma paisagem natural;

pois como faria o pobre van Gogh para iluminar-se, como tão bem assinalou outro dia nosso amigo, o ator Roger Blin?

Quanto à mão assada, trata-se de heroísmo puro e simples;

quanto à orelha cortada, pura lógica direta,

e repito,

um mundo que, cada vez mais, noite e dia, come o incomível

para fazer sua maléfica vontade alcançar seus objetivos

não tem outra alternativa nessa questão

a não ser calar a boca.

ANTONIN MARIE-JOSEPH ARTAUD — 1947

(*) O grifo é meu!!!

(**) Estes grifos também são meus. . . .



VINCENT VAN GOGH — *NOITE ESTRELADA (CIPRESTES E VILLA)*

1889

Museu de Arte Moderna, New York

QUANDO EU ERA MENINO...

(Da ich ein Knabe war...)

Quando eu era menino,
Um deus frequentemente me salvava
Da grita e do látego dos homens.
Em segurança eu brincava
Com as flores do bosque;
As brisas do céu
Vinhão brincar comigo.

E assim como alegras
O coração das plantas,
Quando estendem os braços
Meigos para ti,

Meu coração alegraste
Também, Pai Hélió! e como Endimião
Eu era o favorito
Teu, sagrada Lua!

Oh vós todos, fiéis
Deuses amistosos,
Se soubesseis o quanto
Minha alma vos amou!

Não vos chamava eu então
Pelo nome, nem vós a mim
Pelo meu, como os homens
Quando se conhecem.

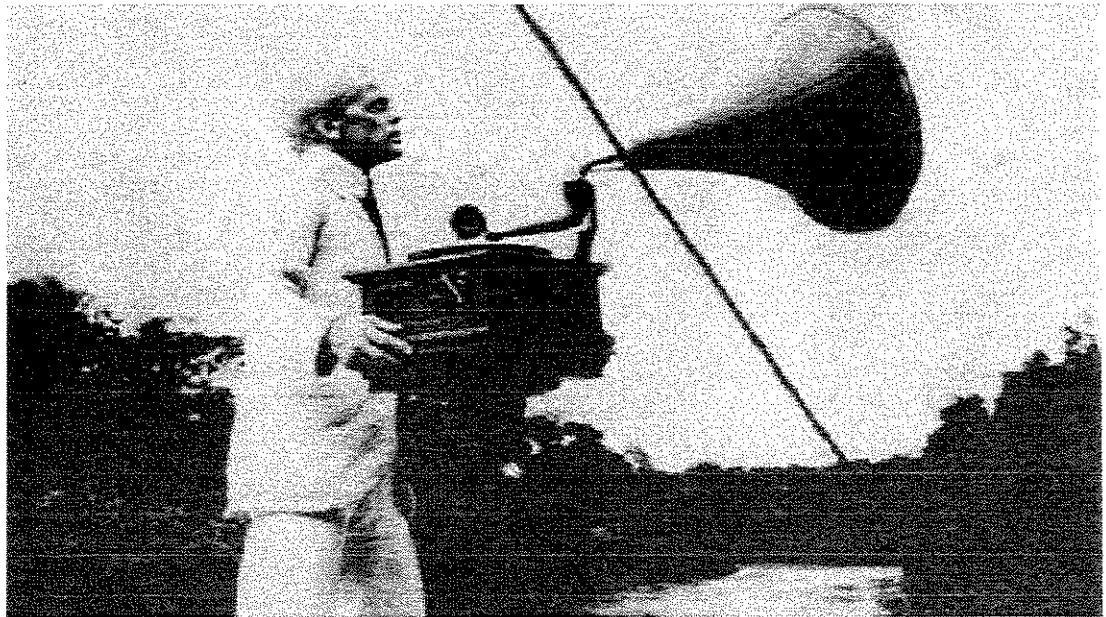
Mas eu vos conhecia
Como jamais aos homens conheci.
Eu compreendia o silêncio do Éter;
As palavras dos homens, não.

Educou-me a harmonia
Do bosque murmurante
E aprendi a amar
Debaixo das flores.

Foi nos braços dos deuses que eu cresci.

**AMO AINDA O BELO E LOIRO
“FITZCARRALDO, O CONQUISTADOR DO
INÚTIL!!! VIVA!!!” O SÍMBOLO DA
OBSTINAÇÃO. EU O AMO PORQUE É UM
HERÓI NIETZSCHEANO E POR ESTAR
REGISTRADO EM IMAGENS
CINEMATOGRAFICAS DO, NÃO MENOS
HEROÍCO, WERNER HERZOG, NA “PELE”
DO GENIAL/HERÓI KLAUS KINSKI!
— *KLAUS, ICH LIEBE DICH !!!* (*)**

(*) — *Klaus, eu te amo!!!* Klaus Kinski (o **mundo todo** o perdeu em 1989) conseguiu levar à cabo a obstinação de Werner Herzog, ou seja, filmar na selva amazônica, no período de 1980/1982, cento e oitenta minutos, de uma maneira **ultra-realista**. O navio do filme (Fitzcarraldo) realmente atravessa a montanha; a selva é devastada e alguns indígenas realmente morrem no momento em que alguns cabos de aço arrebentam com o peso da *nau* (dos insensatos!?!). Herzog foi muito ameaçado de ser processado por Organizações não Governamentais/ONGS, pelos maus que causou para a mata e aos indígenas. O Stone Mick Jagger, que faria o papel de *Wilbur*, abandonou as filmagens logo no início e quase foi atingindo por tiros, no helicóptero que contratou para ser “resgatado”, disparados por Herzog. Klaus Kinski acabou ficando com um papel duplo no filme: *Fitzcarraldo/Wilbur*. *Wilbur* é o seu inconsciente e é por isso que *Fitz* parece, em alguns momentos do filme, um “manso-louco”. Ah! eu teria tanto a dizer, mas não posso. Eu peço apenas que **vejam** a cena em que *Fitz/Wilbur* sobe na torre da igreja e se coloca a tocar os sinos!!! Incomparável!!!
— *Kommen Sie, meine freunde!!!*



CENA DO FILME "FITZCARRALDO" (KLAUS KINSKI), DE WERNER HERZOG, 1982

"Fitzcarraldo sobe com seu fonógrafo no teto do navio, na pequena plataforma de madeira. Agora Caruso vai ser útil, diz para si mesmo. (...) E de repente soa a música de Fitzcarraldo, a voz de Caruso, melancólica, bonita, lenta e muito estranha. A música se mistura ao rufar dos tambores indígenas, sobrepõe-se a ele, fazendo com que silenciem pouco a pouco. (...) A mata parece paralisada de emoção com a triste e bela voz de Caruso."

(Werner Herzog — *Fitzcarraldo*)

ÍNDICE

:

**... NA ANTE-SALA DA APRESENTAÇÃO DOS ESPETÁCULOS
(ENTRE OS BURBURINHOS DOS COMENTÁRIOS E DAS
FOFOCAS QUE COSTUMAM ANTECEDER ÀS ESTRÉIAS)**

Breves comentários (Largo - Attacca).....01

PRELÚDIO

(GRANDE MOMENTO... O DESCERRAR DAS CORTINAS!!!)

(Introdução)

— *Atmosfera Preparatória (Abbastanza lento)*

(Apresentação Geral)

— *“Leitmotivs” (Un poco maestoso)*

(Proposta de Trabalho).....07

Dos Capítulos.....10

1º ATO - 2 CENAS (CAPÍTULO I)

Contextualização Histórica (Molto vivace)

Nietzsche e Sua Época (Adagio, Presto).....12

O Movimento Revolucionário de 1848 e a Unificação Alemã (Grave).....16

2º ATO (CAPÍTULO II) - (Allegro affetuoso).....20

3º ATO - 3 CENAS (CAPÍTULO III)

Nietzsche: Um Homem em Luta Contra o Seu Tempo (Molto Maestoso).22

A Obra Madura de Nietzsche (Grave ma non troppo).....29

Confisco, Descrédito e Vulgarização da Obra de Nietzsche (Presto).....32

4º ATO (CAPÍTULO IV) (Allegro non Molto).....35

ENCERRAMENTO

(A DESCIDA DAS CORTINAS!!! EXPECTATIVA... OUÇO

APLAUSOS!?!...) Conclusão - A Música Desvanece Lentamente. . .

(Allegro moderato - Lento).....58

HINO À VIDA (Allegro vivace).....61

BIBLIOGRAFIA (Finale).....62

**... NA ANTE-SALA DA APRESENTAÇÃO
DOS ESPETÁCULOS (ENTRE OS
BURBURINHOS DOS COMENTÁRIOS E
DAS *FOFOCAS* QUE COSTUMAM
ANTECEDER AS ESTRÉIAS).**

(Breves Comentários)

(Largo - Attacca)

[A justaposição dos inebriantes e envolventes *Prelúdio do 1º Ato* e do *Liebestod* (Morte de Amor) que Richard Wagner compôs para o seu “Tristão e Isolda” e que, mesmo apesar das discordâncias entre wagnerianos ortodoxos e progressistas, foi sancionada pelo próprio compositor como uma peça de concerto.]

“Mas ainda hoje procuro por uma obra da mesma perigosa fascinação, de uma mesma arrepiante e doce infinitude, como o Tristan — procuro em vão em todas as artes. Todas as estranhezas de Leonardo da Vinci perdem seu feitiço ao primeiro acorde do Tristan. Essa obra é absolutamente o non plus ultra de Wagner (...)”. (NIETZSCHE, Friedrich W. *Ecce Homo — Como tornar-se o que se é; Por que sou tão esperto*, § 6, p. 370, 1983)

Não pretendo apresentar esta minha dissertação de mestrado de uma forma *tradicionalmente* acadêmica. Antes preferiria que ela fosse tomada como uma composição musical, na forma de uma *grande* ópera. Porém, devo reconhecer que não reuno os dotes de um grande compositor, indispensáveis para musicá-la.

Dar-me-ia por satisfeito se todos aqueles que iniciassem a leitura desta pequena introdução ao pensamento de Nietzsche, se munissem de duas idéias que, em minha compreensão, são de fundamental importância: em primeiro lugar, que considerassem o meu escrito como um *escrito musical* e, em segundo, que apreciassem também este mesmo escrito como uma primeira e iniciante tentativa de contribuição para a difusão do importante lugar que Nietzsche ocupa na Filosofia do século XIX, que, ao menos na minha forma de entendimento, ainda permanece como uma *chama* viva e atual em nossos dias.

Sem a mínima pretensão de ser pejorativo, chamaria a atenção dos mais desavisados e incautos (e aqui eu posso também dizer leigos), para que cuidassem de se desfazer, mesmo que apenas momentaneamente, dos pré-conceitos e

das comuns distorções que, retroativamente, rondam a vida e a obra do *meu* querido filósofo ⁽¹⁾.

Mesmo a despeito da existência de ótimas biografias e de autorizadíssimos comentários introdutórios acerca da vida e da obra de Nietzsche, existem ainda, e eu não temo dizer que em grande quantidade, um considerável número de *contribuições*, espalhadas estrategicamente, que, antes de elevar o pensamento e a vida do filósofo, colocam as mesmas de acordo com a moda antiga, sob suspeita e descrédito, ora pelo fato de Nietzsche ter passado seus últimos dez anos de vida *alienado* da realidade que o cercava (porém, na minha maneira muito particular de compreendê-lo, jamais *louco*!); ora pela falsa e difundida idéia da existência, nos escritos de Nietzsche (principalmente na fase madura de sua obra), de reflexões e de pseudos projetos protonazistas, fato este já muito bem examinado e desmentido pelos mais conceituados estudiosos e *especialistas* no pensamento filosófico nietzscheano. A bem da verdade, e nunca será demais repetir, o que houve realmente foi uma descabida e tresloucada apropriação da obra de Nietzsche, por parte de sua irmã, a viúva Elizabeth Förster-Nietzsche, que até mesmo incentivou, autorizou e a colocou, já com as devidas e terríveis distorções, a serviço dos fundadores do Partido Nacional Socialista e do III Reich, incluindo-se nesse *roll* o próprio Hitler, ditador e pai totêmico do nazismo, bem como o seu Ministro da Propaganda, Goebbels, que se utilizou e autorizou o uso do cinema para suas propagandas, imortalizadas com o surgimento oficial do cinema nazista, em 1933, e que produziu cerca de 1.350 longas-metragens.

[Por gentileza, permitam-me (pois eu não me contenho) abrir aqui um parêntese e esmiuçar apenas um “trechinho” desse pouco explorado e intrigante tema que é o cinema nazista, e que foi o entremeio da destruição do fantástico período do cinema Expressionista e Realista alemão (Murnau, Ruttman, Pabst, Junghans, Fritz Lang, Joseph Sternberg, etc.), do surgimento do Neo-expressionismo — o novo cinema alemão (Brandner, Geissendörfer, George Moorsee e, perdoem-me,

(1) Cf.: **SONTAG, Susan**, *Sob o signo de Saturno*, São Paulo: L&PM Editores, p.115, 1985: “É verdade que Hitler e o nazismo contaminaram o romantismo de Wagner, quase o verdadeiro sentido da bela filosofia de Nietzsche, entre outros, e grande parte da cultura alemã do século XIX é, retroativamente, assombrada pelo fantasma de Hitler e da suástica.”

mas no meu simples modo de entender, os *quatro mais destacados* cineastas do novo cinema alemão: Hans Jürgen Syberberg, Werner Schroeter, Werner Rainer Fassbinder e Werner Herzog. Ouso dizer que louco interesse/paixão é pouco para descrever o que sinto por este tema!]

Dentre os 1.350 longas-metragens, foram produzidos filmes que mostravam todo o *triunfo* do nazismo e que foram imortalizados por diretores como a comemoradíssima (inclusive, e principalmente, pelo próprio Hitler) Leni Riefensthal⁽²⁾, Hans Steinhoff (que produziu o primeiro filme nazista em 1933 (“*O Jovem Hitlerista Quex*”); Springer e Jamrowski, diretores de “*A Eterna Floresta*” (1936); Veit Harlan que faz uma adaptação da novela “*O Judeu Süß*” (1940); Hippler, diretor de “*O Eterno Judeu*” (1940); Hans Bertram, “*Marcha para o Führer*” e “*Batismo de Fogo*” (ambos de 1940); Svend Noldan, “*Vitória do Ocidente*” (1941); Alfred Weidemann, “*Soldados de Amanhã*” (1941); Ritter, “*Stukas*” (1941). Em 1944, no auge da sandice e querendo mascarar a verdadeira realidade (então já bem difundida nos Estados Unidos e entre os seus Aliados; e esse é um absurdo, vergonhoso e mal explicado episódio da história oficial dos vitoriosos da II Grande Guerra) e da já inevitável decadência do nazismo e do Eixo, é rodado pela SS-Filmberichter o espantoso documentário “*O Führer doa uma cidade aos judeus*”, na tentativa de mostrar uma imagem positiva de um campo de concentração.⁽³⁾

Pois bem, este é um pequenino trecho do empenho dos nazistas para realizar suas propagandas, arrebanhar cada vez mais adeptos e mostrar para o mundo que o nazismo não era o que a contrapropaganda norte-americana e aliada

(2) Diretora do monumental “*Triunfo da Vontade*” (1936) que, em suas primeiras cenas celestiais, mostra, como um messias da era tecnológica, o Führer descendo do céu à terra dentro de um avião particular. “Como chegou a comentar o próprio Erwin Leiser, autor de *Mein Kampf* (1959): ‘*Leni Riefensthal mostrou Hitler de uma vez por todas no estilo em que ele queria ser visto. Nenhum ator era julgado digno de personalizá-lo. Nenhum outro filme sobre ele era tão necessário. Nenhum outro projeto cinematográfico, tão grandioso, foi elaborado.*’” (NAZÁRIO, Luiz. De Caligari a Lili Marlene, São Paulo: Global Editora, p.51, 1983)

(3) Vale aqui um comentário: o roteiro deste filme traz um campo de concentração “embelezado” para que o mundo possa testemunhar a “vida opulenta dos judeus” sob o nazismo. Apresentado como um paraíso terrestre, os campos abrigam “hóspedes” que organizam concertos e jogos, passam as tardes na biblioteca e as manhãs em oficinas especiais. Os prisioneiros, maquiados para encobrir seu verdadeiro estado físico, foram obrigados a representar estes homens livres de qualquer constrangimento, “(. . .) numa encenação macabra que culminou com o assassinato dos “atores”, assim que foram terminadas as filmagens.” (NAZÁRIO, Luiz. Op. cit., p.57, 1983)

procuravam mostrar. Imaginem então o que não foi feito no campo das idéias e da filosofia durante o período nazista?!? E a bela filosofia de Nietzsche foi (permitam-me!?) rebaixada por estes ideais com a franca e (permitam-me novamente!) vil ajuda de sua própria irmã.

Elizabeth cuidou de reunir, aleatoriamente, uma considerável quantidade de apontamentos, breves reflexões, impressões e idéias genéricas dos mais variados temas, que Nietzsche anotava em grande número, com a fremente e vibrante intenção de fazer uso desse material como referência de suas obras. Tais anotações e reflexões foram, como já disse, reunidas de maneira incerta, fortuita e sem o cuidado com a sua importantíssima ordem cronológica e, posteriormente, foram intituladas pela irmã de "*Vontade de Potência*", obra que, na verdade, Nietzsche nunca escreveu e da qual tinha apenas uma vaga idéia e pequenas tentativas de esboço. Somente depois da década de 40, alguns pensadores e estudiosos franceses realizaram um importante trabalho no intuito de desfazer esta confusão da filosofia nietzscheana com as idéias nazistas. Cabe ainda ressaltar o importante trabalho na organização dos manuscritos de Nietzsche e da sua fielmente respeitada ordem cronológica, realizada entre 1967/1978 por Giorgio Colli e Mazzino Montinari no "*Nietzsche-Archiv*" (Arquivo-Nietzsche) em Weimar, acrescentadas as "*Obras Completas*" e publicados, posteriormente como, "*Fragments Posthumes*". Voltaremos a comentar um pouco mais este assunto, quando tratarmos da trivialização do pensamento de Nietzsche e de sua filosofia confiscada.

Voltando aos alertas e aos cuidados para uma "*correta*" abordagem da obra e da vida de Nietzsche, as distorções e a conseqüente trivialização ocorrem principalmente por três simples e principais motivos, extremamente preconceituosos: 1º) pelo fato de Nietzsche ter passado os últimos dez anos de sua vida *alienado* da realidade que o cercava (e mais uma vez eu repito que jamais ousaria dizer que Nietzsche tenha ficado louco; absolutamente não!!!); 2º) pelo motivo de que, em Nietzsche, vida e obra estão intimamente interrelacionadas, podendo até mesmo, e com justiça, serem consideradas indissociáveis, 3º) e último, pelo fato de Nietzsche ter sido, tanto em sua vida quanto em sua obra, o *primeiro filósofo dançarino e poeta*, o que causa muita estranheza, e até um certo constrangimento, nos meios

acadêmicos, tão acostumados à simetria e a uma certa ordem lógica *estabelecida* do pensamento.

Estes três motivos são extremamente polêmicos, porém considero que já é hora, e eu aproveito a ocasião que me é dada, de desfazer desses lugares comuns, ao tomarmos a vida e a obra de Nietzsche como *objeto* de um estudo mais aprofundado e para *tirarmos* daí as valiosas contribuições, sempre tão atuais, existentes no modo de pensar dessa fabulosa figura que Nietzsche encerra em si mesmo e de sua importância para a Filosofia.

Acredito que já é hora também de deixarmos de perder o nosso tão precioso tempo com incansáveis discussões (as quais eu denominei de lugares comuns), que não irão nos levar a lugar algum e não contribuirão em absolutamente nada para o devido engrandecimento do sempre belo e atual pensamento de Nietzsche.

Acredito, também, com muita serenidade analítica que, diante da vida e da obra de Nietzsche são-nos dadas duas grandes e importantes motivações/reações, quais sejam: a da paixão e a da repulsa/ódio, porém, jamais a da *indiferença*.

Creio ser oportuno confessar, antecipadamente, a minha franca, e talvez descabida/inevitável paixão, tanto pelo tema desta dissertação, quanto por Nietzsche e seus escritos. Uma paixão que venho cultivando, confessa e desavergonhadamente, desde os meus tempos do curso de graduação em Filosofia (1981-1986).

Julgo conveniente também esclarecer que, no decorrer deste trabalho, procurarei não me esconder por detrás das citações e das notas de rodapé; buscarei fazer o mínimo uso necessário destes expedientes. Isso não significa que o presente trabalho não esteja embasado num material teórico, porém, buscarei filtrar de uma maneira muito própria e interpretativa o conteúdo de tudo que li, como condição primeira e indispensável para escrever o presente trabalho. Com isso, creio que estarei fazendo justiça ao pensamento de Nietzsche, que sempre *cobrou* exaustivamente um posicionamento pessoal diante das infindáveis questões, filosóficas ou não, que nos cercam.

Conjugarei o presente trabalho na primeira (1ª) pessoa do plural somente quando absolutamente necessário, mas esclareço que o faço unicamente por concessão a hábitos acadêmicos. Tenho noção, e a devida proporção, de que eu não poderia afirmar que este trabalho foi realizado de forma absolutamente pessoal, pois dependi até mesmo das melhores indicações e dos cordiais atendimentos nas livrarias para obter parte do material bibliográfico aqui usado; tive que aceitar de bom grado, e com uma certa subordinação, a revisão ortográfica deste trabalho (pois não sou um *expert* na área); dependi inclusive da assistência técnica de um profissional para reparar pequenos e rotineiros danos em meu computador; sujeitei-me despretensiosamente e com muita dedicação ao auxílio do bibliotecário que, sempre com muita amabilidade, *socorria-me* nas pesquisas e buscas bibliográficas; enfim, tenho clareza de nossa mais inerente dependência. Mas, com a mais absoluta humildade e modéstia, gostaria de esclarecer que grande (para não dizer a maior) parte deste trabalho ficou entregue aos meus cuidados e, se não fossem a paixão e a obstinação (*fitzcarraldiana*) talvez eu tivesse desistido no meio do caminho. Com isto, não desejo nem reconhecimento e nem méritos, até porque, e a bem da verdade, realizei este trabalho visando, em primeiro lugar, **ao mais íntimo cultivo de mim mesmo** e, em segundo, a dar vazão e resolução a esta paixão que já vem de longa data e que agora se sedimenta ainda mais.

Gostaria também que me permitissem, pelo menos, a ousadia de apresentar este simples, porém apaixonante trabalho, em forma de um escrito operístico e que dispensassem um pouco de tempo para a "*audição*" do PRELÚDIO, dos quatros ATOS e do ENCERRAMENTO que se seguem.

PRELÚDIO
(GRANDE MOMENTO..... O DESCERRAR DAS CORTINAS!!!)

(Introdução)

(Abbastanza lento - Un poco maestoso)

“Para onde vai o nosso mundo moderno? Em direção ao esgotamento ou em direção ao renascimento? Sua diversidade e sua iniquidade decorrem do fato de que ele começa a tomar uma consciência de si.”
(NIETZSCHE, Friedrich W. — *Vontade de potência*) ⁽⁴⁾

— *ATMOSFERA PREPARATÓRIA* (APRESENTAÇÃO GERAL)

— “*LEITMOTIVS*” (PROPOSTA DE TRABALHO)

O propósito básico dessa dissertação é a análise e a crítica dos problemas do ensino secundário e superior a partir dos primeiros escritos de Nietzsche, 1872-1874, ou seja, aqueles que se referem à educação, à cultura trágica e à cultura de modo geral. Esses escritos começam com as cinco conferências proferidas na Universidade de Basileia (Suíça), reunidas sob o título: “*Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*”, 1872; e as três “*Considerações extemporâneas*”: I) *Davi Straus, o devoto e o escritor*, de 1873; II) *Da utilidade e desvantagem da história para a vida* e III) *Schopenhauer como educador*, de 1874. A presente análise se limitará ao período em que Nietzsche expressa de forma mais

(4) Como veremos mais adiante, esse livro teve uma trajetória complicada. Na verdade ele é uma seleção feita sem a importante preocupação com a devida ordem cronológica e também não ficou isenta de adulterações as quais foram efetuadas, em *primeira mão*, pela suspeitíssima irmã, Elisabeth Förster Nietzsche, logo após a morte do irmão, em 1900, das notas e anotações esparsas que ele havia escrito entre 1883 e 1888. Deste fato decorre que essas notas e anotações (pequenas observações, pensamentos esparsos, observações gastronômicas, as mudanças climáticas do dia-a-dia, etc., etc.) foram submetidas a vários “arranjos”, de acordo com a conveniência determinada pela irmã, o que proporcionou pelo menos duas grandes e falsas avaliações do pensamento de Nietzsche. Por isso seria mais seguro e cauteloso consultar os “*Fragmentos póstumos*”, principalmente depois do relevante trabalho de Giorgio Colli e Mazzino Montinari que, após minuciosas observações, comparações e verificação da correspondência de Nietzsche, buscaram colocar os “*Fragmentos*” numa ordem cronológica mais segura e sem as intencionais distorções a que me referi.

explicita suas preocupações com as questões relacionadas aos problemas do ensino e à educação. Interpretá-lo-ei naquilo que julgo ser de interesse para a compreensão de nossos atuais problemas relacionados à cultura e à educação. Como disse anteriormente, privilegiarei os trabalhos que abrangem o período de 1872 a 1874. Após esse período, o que encontramos na obra de Nietzsche, sobre educação, são reflexões que já não estão mais relacionadas de modo principal às instituições de ensino. Somente depois da análise desse período, em que Nietzsche empreende a crítica à formação ministrada aos jovens de sua época no “*Gymnasium*” ⁽⁵⁾, até à conclusão da formação universitária, tratarei de centrar algumas preocupações sobre as questões culturais e educacionais propriamente ditas.

Considero pertinente ressaltar a dificuldade de ler Nietzsche em português (este é um caso tão controvertido, tedioso e desgastante, porque, alguns comentadores afirmam que temos bons materiais e boas traduções de Nietzsche, enquanto outros são absolutamente taxativos e negam a idéia da possibilidade de uma razoável leitura de Nietzsche em português. Um *jogo* acadêmico com os iniciantes, pelo qual eu passei no começo de 1982, quando do início de minhas leituras da obra do *meu* filósofo. No entanto, uma situação contornável e caminho a ser percorrido se quisermos nos iniciar no pensamento de Nietzsche) já que, na minha opinião, dispomos de pouquíssimas traduções fidedignas da obra do filósofo, com a exceção da confiável e iniciante COLEÇÃO DAS OBRAS DE NIETZSCHE, da Companhia das Letras, coordenada por Paulo César de Souza, que já conta com quatro importantes traduções da obra do filósofo e promete, ainda para breve, as traduções de, pelo menos, duas obras *capitais*. Esclareço também que recorrerei ao uso, no decorrer dessa dissertação, das traduções espanholas (diga-se de passagem: ótimas traduções!) das obras de Nietzsche, editadas pela *Alianza Editorial S.A.*, de Madri, Espanha; traduções de Andrés Sánchez Pascual. Também usarei a tradução de Carlos Manzoni: “*Sobre el porvenir de nuestras escuelas*”, com prólogo de Giorgio Colli, editada pela *Tusquets Editores* de Barcelona, Espanha. Em italiano faremos uso de “*Considerazioni inattualli: Schopenhauer come educatore*” e “*Nietzsche - Opere 1870/1881: Verità e menzogna e altri scritti: Cinque prefazione per cinque libri non*

(5) O equivalente aos cursos de 5ª a 8ª séries do primeiro grau e 1ª a 3ª séries do segundo

scritti”, editados pela Adelphi-Milão , com prólogo de Mazzino Montinari. Em português, farei uso também da tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho: “*Nietzsche: obras incompletas*”, *Os pensadores, Abril Cultural* e também a segunda das *Considerações extemporâneas: “Da utilidade e desvantagem da história para a vida”*, traduzida por Lemos de Azevedo, *Coleção Síntese, Martins Fontes*, de Lisboa, Portugal.

Com relação ao famigerado procedimento metodológico, não ousarei fazer uma escolha *a priori* do método de pesquisa. Na elaboração de um trabalho específico na área da filosofia, pressupõe-se a construção de um método na linha de abordagem do objeto. Parece-nos que, no campo da filosofia, tanto as questões metodológicas quanto epistemológicas vão se tornando presentes no decorrer da própria elaboração do trabalho. Deste modo, e por se tratar de uma tarefa visando a suscitar a reflexão filosófica acerca da educação, não pretendo determinar, de antemão, seu método como algo anterior ao trabalho e externo a ele.

DOS CAPÍTULOS

Para dar início a esse trabalho já me vali de um, conjunto de “*Breves Comentários*” (Na ante-sala. . .), com o intuito de, antecipadamente, deixar bem claro a que vim e a que me proponho; evitando assim o aborrecimento da leitura integral da dissertação para aqueles que discordarem de imediato de minhas mais bem intencionadas intenções. Antecedem os “*Breves Comentários*” as apresentações e declarações de amor para uma gama (seleccionadíssima) de heróis que jamais poderiam estar ausentes da narração desta minha temerária e solitária jornada/trajetória. Como já estão podendo observar, com esses imprescindíveis “*Breves Comentários*”, em seguida já lanço mão de uma introdução propriamente dita (*Prelúdio*), esclarecendo brevemente os principais objetivos dessa dissertação, alguns detalhes que julgo importantes e algumas das dificuldades para a realização desse trabalho.

Destinarei o primeiro capítulo (*1º Ato*) dessa dissertação para apresentar a contextualização da Alemanha da segunda metade do século XIX. Na elaboração desse capítulo, lançarei mão de algumas obras de História Geral.

No segundo capítulo (*2º Ato*), buscarei apresentar uma breve biografia de Nietzsche e o consequente e indissociável desenvolvimento de sua obra.

No terceiro capítulo (*3º Ato*), apresentarei a concepção de cultura do jovem Nietzsche e suas preocupações com as questões ligadas ao descuido do ensino da língua materna e o clima de corrupção que aí estava contribuindo para o surgimento do estilo “*periodista*”, ou seja, o estilo da “*linguagem jornalística*”.

Destinarei, pois, o quarto capítulo (*4º Ato*), ao composto das contribuições que espero poder fornecer através das experiências do conteúdo de minhas leituras (já se vão aí bem uns dezessete anos!) da obra do *meu* filósofo; de observações, anotações *esparsas*, pensamentos e escritos efetuados no decurso dos créditos da pós-graduação e da exposição circunstancial de minha vivência como educador, uma paixão “absurda” também (*camusiana* e inexplicável), uma vivência ambígua, dúbia e muito difícil de ser *explicada*; às vezes sofrida e decepcionante (creio que desanimadora caberia melhor aqui!) em certos momentos e muito

gratificante, prazerosa e divertidíssima em outros tantos, uma exposição muito pessoal e singular de um considerável período, qual seja, de 1987 até os dias atuais, deste meu *pedaço* de vida no magistério, como professor de Filosofia no 2º grau e de História nos 1º e 2º graus na rede pública de ensino estadual, no sentido de apresentar subsídios para pensarmos as atuais questões educacionais brasileiras. Aduzirei tais contribuições com o propósito de enriquecer a reflexão filosófica acerca das questões educacionais de nosso tempo e acrescentarei ainda, à guisa de conclusão (*Encerramento*) algumas idéias e questões sobre a educação, através das quais buscarei traçar uma correlação da atual situação educacional brasileira com a da Alemanha da segunda metade do século XIX (objeto das críticas, nos primeiros escritos (jovens) do *meu* filósofo), apresentando aquilo com que a obra de Nietzsche pode nos auxiliar ainda hoje.

1º ATO

(Capítulo I)

(Molto vivace - Adagio, Presto - Grave)

“É uma liberdade que me concedo a mim mesmo, enquanto filólogo-clássico, porque não vejo para que poderia servir a filologia no nosso tempo, senão para lançar uma ação intempestiva contra esta época e, assim o espero, em benefício do tempo que há de vir.”
(NIETZSCHE Friedrich W. *Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. § 1, p. 110, 1976)

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

NIETZSCHE E A SUA ÉPOCA

Século XIX! O século que celebrou, mais do que o XVIII, o advento da Ciência e da tecnologia; das promessas de um novo estilo de vida e de um sonho iluminado pelas luzes que agora ardem por entre as ruas, tomando, sorrateiramente, o lugar dos antigos lampiões. Paris! Paris! Paris, a *cidade das mil luzes!*

Século do nascimento de Arnold Schönberg(1874), de Thomas Mann (1875), de Thomas Stearn Eliot (1888) e da vida e morte do grande Richard Wagner, que faleceu aos 69 anos, no Palácio Vendramin (residência de Wagner em Veneza) às três horas da tarde de 13 de fevereiro de 1883 — “*essa hora tão sagrada em que morreu Wagner*” — como tão belamente expressou Nietzsche ao receber a triste notícia; a Veneza encantada e imortalizada por *nosso* Federico Fellini (que infelizmente também já não habita mais o *nosso meio*) em seu não tão reconhecido quanto merecia, mas belíssimo “*Casanova*”. Wagner conduzido de Veneza, numa gôndola (imortalizada em música, numa partitura inquietante e premonitória, composta por Franz Liszt no final de 1882, intitulada “*Gôndola Lúgubre*”, inspirada na transladação em gôndolas dos restos mortais dos venezianos falecidos) até a cidade

alemã de Weimar, onde foi recebido por um cortejo constituído de uma grande multidão. Funerais solenes foram realizados na cidade de Bayreuth, onde o corpo do compositor foi sepultado nos jardins da bela *Villa Wahnfried*, sua residência.

Século XIX! Século XIX! Século de Freud (1896) e do uso, pela primeira vez, da palavra *psicanálise*; século do nascimento de Bertold Brecht (1898).

A filosofia de Nietzsche se inscreve no contexto histórico da Alemanha deste século XIX. Ela não se constrói de maneira independente e isolada desse contexto; ao contrário, a sua filosofia foi pensada da maneira como podemos vê-la, hoje, porque o pensador Nietzsche viveu neste dado momento histórico: na Alemanha efervescente da segunda metade do século XIX, que atravessava profundas transformações econômicas, políticas, sociais e culturais.

Como Nietzsche esbravejou contra as falsas crenças do homem do século XIX! Como usou toda sua perspicácia, sua sagacidade e como tronejou contra a quase que total entrega do homem do seu século aos devaneios e promessas (então em franco e acelerado desenvolvimento) da Ciência, do Saber Periódico e do Estado tutelando a Cultura e a Educação. É neste exato sentido que Nietzsche brada, corajosamente, num primeiro momento: — Deus está morto! (— *Got ist Tod!*). Claro que estava, pois a religião agora era a Ciência; o Saber, a Verdade e as conquistas do Estado e Deus estavam personificados nos homens das Ciências e do Estado, que detinham o saber e a verdade. Nietzsche foi condescendente com a Ciência, enquanto ela nos libertou de diversas coisas por ele consideradas crendices: Deus, o além, a morte, a vida depois da morte, as verdades últimas e definitivas. Mas a Ciência não conseguiu escapar da maior das crenças: a Verdade. Somente mais tarde é que Nietzsche irá dar um novo sentido para esta célebre frase, qual seja, a da morte do Deus do Cristianismo, que nega, despreza e reprova a vida terrena (fruto de todos os males), do Deus dos ressentidos e dos *fracos*. Mas esta questão de que “Deus está morto!” é, além de encantadora, também muito complexa e, como poderiam dizer: daria um curso todo!

Como Nietzsche levou até o esgotamento o seu incansável pensamento e bradou por uma mudança geral/radical na concepção de Homem! Ah! Como Nietzsche se embriagou da cultura romântica alemã e da belíssima leitura dos

gregos. Como se deliciou com seu tempo e como, com tanta sagacidade, ironizou os seus mais respeitáveis contemporâneos.

Porém, Nietzsche não pode ser considerado apenas um homem que viveu o grandioso século XIX. Ele teve a coragem de transcender o seu século, de elevar o seu pensamento para além dele e, no fim, extenuado por tanta extemporaneidade, e não por anacronismos como querem muitos comentadores, entregou-se ao eterno sonho de uma criança⁽⁶⁾.

Nós, que agora vivemos esse derradeiro final do século XX, sentimos-nos orgulhosos com as conquistas deste nosso século porém, ainda não nos demos conta de todo o legado do século XIX e de seu consequente e marcante reflexo em nosso modo de pensar.

Ah! Somos crianças ainda e brincamos com computadores de última geração, com a Internet, com a clonagem, com a inteligência digitalizada, com as novas formas de abordagem dos sons e das imagens. Somos grandes e estamos envaidecidos! Vamos (e todos nós temos uma certa convicção de que sim) ultrapassar um milênio; mas o que dizer de tudo que foi grande e bom neste milênio?

De uma coisa estou certo: Nietzsche, através de sua obra e de sua vida, inscreve-se na *lista de ouro* dos grandes nomes e das grandes contribuições para o nosso engrandecimento e para o nosso *enobrecimento*; nós, homens do final do século XX e do final do milênio; porque através de sua obra ele soube alçar o seu olhar para além do seu tempo.

Relembremos, para compreender melhor esta figura fascinante que é *nosso* filósofo, a Alemanha do final do século passado. Rememoremos a Alemanha em que Nietzsche se sentiu por muitas vezes como um estrangeiro, um *Andarilho*.

Na Alemanha da segunda metade do século XIX, iniciava-se o advento da indústria, de forma gradual e tardia, trazendo o surgimento de novas camadas sociais; ocorre a unificação dos Estados alemães em torno do poderoso território prussiano, que aglutinava, por assim dizer, as principais transformações. Também no campo da cultura e da educação, verificam-se transformações de grande

(6) Não empregarei o já intencional termo (*que vergonha. . . . : louco!*) no sentido de se fazer seu uso para o descrédito da obra e do pensamento de Nietzsche. Não farei uso deste abominável artifício. Absolutamente não!!!

importância. Preocupado com essas mudanças culturais e educacionais, Nietzsche elabora sua filosofia do chamado período jovem.

Para entendermos melhor o período da segunda metade do século XIX na Alemanha, precisamos remontar no tempo, buscando as origens que desencadearam as transformações verificadas nessa época.

O MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO DE 1848 E A UNIFICAÇÃO DA ALEMANHA

Desde 1815, os Estados independentes alemães tinham formado, juntamente com a Áustria, os trinta e oito membros da Confederação Germânica. Os vários príncipes mantinham cuidadosamente a sua semi-independência, mas entre o povo difundia-se cada vez mais o desejo da unificação num Estado nacional. Os negociantes defendiam esse ideal na convicção de que ele faria crescer o comércio; os nacionalistas exigiam-no, alegando que ocorreria a unidade de cultura e de raça. Em consequência, a revolução alemã de 1848 teve o duplo caráter de um movimento em favor de um governo mais liberal e do desejo da unificação. Inicialmente, ambos os objetivos pareciam apresentar grandes promessas de êxito. Durante o mês de março de 1848, foram obtidas concessões de quase todos os governantes alemães, em alguns casos promessas de constituições; em outros, ministérios liberais, liberdade de palavra e de imprensa. Em maio do mesmo ano, liberais e nacionalistas convocaram uma grande convenção nacional em Frankfurt, a fim de redigir uma constituição para uma Alemanha unificada. Foi essa a célebre Assembléia de Frankfurt, composta por ilustres delegados de todos os estados da Confederação. A Assembléia conseguiu aprovar uma declaração de direitos, mas logo caiu numa confusão sem solução a respeito de outros assuntos constitucionais. Quando a maioria dos delegados concordou em fazer da nova Alemanha uma monarquia constitucional, os republicanos entraram em dissidência. Houve também grandes discussões sobre a conveniência de incluir ou não a Áustria e sobre o problema de quem deveria reinar. Ao ser decidido que somente as províncias alemãs da Áustria seriam admitidas, o governo austríaco ordenou que seus delegados regressassem ao seu país. Esperando ainda estabelecer uma união em escala menos ambiciosa, a Assembléia ofereceu a coroa ao rei Frederico Guilherme IV da Prússia, mas o indeciso monarca recusou-a, com medo de incompatibilizar-se com a Áustria e também pelas reservas que tinha com relação a uma convenção revolucionária. A Assembléia de Frankfurt dispersou-se

pouco depois, desalentada, sem ter absolutamente nada para apresentar como resultado de seus esforços.

Estava reservado ao firme realismo de Bismarck levar a cabo a unificação da Alemanha. Otto von Bismarck pertencia, pelo nascimento, à classe dos *junkers*, ou nobres rurais, que durante séculos forneceram ao Estado prussiano o grosso dos seus burocratas e das altas patentes de seu poderoso exército. Durante o movimento revolucionário de 1848, Bismarck serviu no parlamento prussiano como defensor da monarquia de direito divino e fez parte de um grupo de aristocratas intransigentes que convenceram o rei da Prússia a não aceitar a *coroa vergonhosa* oferecida pela Assembléia de Frankfurt. Mais tarde, Bismarck ajudou a organizar o partido conservador, dedicado a proteger os interesses dos *junkers* e a construir uma Prússia poderosa como núcleo da futura nação alemã. Em 1862, o rei Guilherme I nomeou-o presidente do conselho de ministros da Prússia.

Na consolidação dos Estados alemães em nação unida, Bismarck observou uma série de fases, com muita habilidade. Em primeiro lugar, projetou eliminar a Áustria da sua posição de hegemonia na Confederação Alemã. Como meio preliminar para alcançar esse objetivo, entrou em disputa com a Dinamarca sobre a posse das províncias do Schleswig-Holstein. Desde 1815, essas províncias, habitadas por alemães, estavam sujeitas à suserania do rei da Dinamarca. Em 1864, quando a Dinamarca tentou anexar essas províncias, Bismarck convidou a Áustria para participar de uma guerra contra a Dinamarca. Seguiu-se uma breve campanha e, no final, o rei dinamarquês teve que renunciar a todas as suas pretensões sobre as províncias do Schleswig-Holstein em favor da Áustria e da Prússia. Aconteceu, então, o que Bismarck tanto esperava: uma controvérsia entre os vencedores em torno da divisão dos despojos. O resultado foi que ambos se lançaram à guerra, em 1866. O conflito que se seguiu, conhecido como a Guerra das Sete Semanas, terminou pelo fácil triunfo da Prússia. A Áustria foi forçada a abandonar suas reivindicações sobre as províncias do Schleswig-Holstein e, imediatamente após a guerra, Bismarck procedeu à união de todos os Estados alemães situados ao norte do Reno, a Confederação do Norte.

O passo final na consolidação da unidade alemã foi a Guerra Franco-Prussiana. Bismarck sabia que uma guerra contra a França seria o melhor meio de estimular um nacionalismo alemão. Com algumas manobras em torno de um telegrama do rei Guilherme I, tornado público propositadamente por Bismarck, de maneira a fazer supor que o rei teria insultado o embaixador francês, não tardou a surgir o clamor de ira em toda parte da nação francesa e, em 15 de julho de 1870, os ministros de Napoleão III aprovaram a declaração de guerra contra a Prússia. Mal havia começado a luta, os Estados da Alemanha do sul juntaram-se à Prússia, acreditando estarem sendo vítimas de uma agressão. Desde o início os prussianos levaram vantagem. Após a capitulação de Napoleão III em Sedan, no mês de setembro, e a tomada de Paris quatro meses mais tarde, a guerra foi oficialmente encerrada pelo Tratado de Frankfurt. A França cedeu a maior parte da Alsácia e da Lorena e concordou em pagar uma indenização.

Na Alemanha, a grande explosão de entusiasmo patriótico permitiu a Bismarck a anexação dos Estados do sul à Confederação Germânica do Norte. A 18 de janeiro de 1871, Guilherme I recebeu o título de imperador da Alemanha e Bismarck, então elevado à condição de príncipe, tornou-se primeiro-ministro: estava fundado o *II Reich*.

Logo depois da conclusão do processo de unificação da Alemanha, a Prússia, que se tornara o Estado mais importante da nova nação germânica, precisava manter unidos em torno dela os demais Estados alemães. Para levar a cabo esse objetivo, criou novos laços com os demais Estados, buscando uniformizar a cultura e o ensino e diminuir as diferenças e qualidades típicas de cada região. Com o final do processo de unificação, a Alemanha começa a ver suas indústrias desenvolverem-se rapidamente, o que passa a exigir a ampliação do mercado interno e a formação de mão-de-obra especializada. Os bens culturais, desfrutados antes apenas pela nobreza, passam a ser aspirações da nova burguesia, que deseja também que os empregados de suas indústrias tenham uma educação para poderem desempenhar as suas novas tarefas. Se, no final do século XVIII, a cultura achava-se desligada de intenções utilitárias, agora ela teria que se juntar às necessidades do momento e às novas regras da opinião pública. A educação transforma-se agora em ensino de classe

e ocorre a proliferação dos institutos e das escolas técnicas, bem como a diversificação das universidades em cursos de especialização. Na Alemanha unificada, desaparecem as preocupações com o aprimoramento do espírito humano e com o cultivo integral do indivíduo. Educação e cultura passam a atender às necessidades quantitativas do processo de industrialização da nova nação.

É esse contexto, repleto de importantes transformações econômicas, sociais e políticas, e também de profundas mudanças culturais e educacionais, que Nietzsche presencia. O jovem Nietzsche constata que, na Alemanha da segunda metade do século XIX, existe um grande contraste entre a pobreza cultural e a crença difundida entre a opinião pública de que existia uma verdadeira cultura.

São essas questões relacionadas à cultura e à educação, e que estão insistentemente presentes nas preocupações e questionamentos do primeiro período da filosofia de Nietzsche, que iremos analisar no próximo capítulo. Buscarei relacionar, na obra do jovem Nietzsche, os motivos que o levaram a ser um pensador em constante conflito com sua época, desafiando as normas e declarando guerra aos valores vigentes no que se referia à cultura e à educação.

Porém, antes de abordar essas questões, são necessárias algumas observações: por estar tratando de um filósofo que une inteiramente pensamento e vida, que tem um modo peculiar e ímpar de filosofar, e por entender que seu pensamento sobre cultura e educação ainda continua pertinente, buscarei interpretá-lo apropriando-me desse pensamento, realizando um recorte naquilo que julgo ainda ser de grande valia para a compreensão dos problemas culturais e educacionais de nossa época.

2º ATO

(Capítulo II)

(Allegro affetuoso)

“Nietzsche é uma das maiores figuras vitais na história das idéias do Ocidente, um ser fatídico que nos obriga a tomar decisões finais, um formidável ponto de interrogação no caminho percorrido até agora pelo homem ‘europeu’, determinado pela herança da Antiguidade e por dois milênios de cristianismo.”

(FINK, Eugen. *A filosofia de Nietzsche*, Cap. I, p. 7, 1988)

“Mihi ipst scripsi!” exclama Nietzsche repetidamente em suas cartas, após a conclusão de uma obra. E por certo é significativo que o maior estilista da época diga isso de si mesmo, ele que, como nenhum outro, conseguiu achar cada uma das suas idéias, e mesmo para seus matizes mais sutis, a expressão exaustiva.”

(ANDREAS-SALOMÉ, Lou. *Nietzsche em suas obras; Sua essência*, p. 29, 1992)

Auditores humanissimi, ⁽⁷⁾

Sempre que me perguntam sobre o *objeto* de minha dissertação de mestrado e eu começo a responder: “ — Nietzsche e . . .”; mal tenho tempo de detalhar melhor o tema de minha dissertação e sou logo interrompido: “Ah! Nietzsche, aquele que escreveu o *Zaratustra*; eu dei uma *lidinha* e confesso que não entendi quase nada. Mas que filósofo mais complicado e difícil você foi escolher! É um filósofo da angústia e do tormento, sem dizer que é também uma verdadeira *pedreira!*”

Ledo engano! Procuro esclarecer: Nietzsche nos deixou uma obra extensa e muito densa também, porém, se eu estiver certo, depois de ter tido um longo contato com a obra e a vida do filósofo, creio que o *Zaratustra* deve ser um dos livros de Nietzsche que exige uma leitura mais tardia, quando já estivermos

(7) Humaníssimos ouvintes.

preparados para *respirar os ares das montanhas mais geladas e elevadas*; preparados para *uma caminhada temerária e solitária*.

Outro engano comum que creio ser minha *obrigação* desfazer logo de início, quando o assunto é Nietzsche, é o fato de que o filósofo foi irônico, sagaz, astuto e fazia uso de um estilo de linguagem extremamente tronitroante, polêmico e muito barulhento mesmo; sem dizer da propositada opção pela forma de escrever e de expressar seu pensamento filosófico através de aforismos, quando, na verdade, uma grande maioria de escritos filosóficos são apresentados costumeiramente ao modo mais acadêmico de expressão. Não se acanhava, em todos os seus escritos, de despertar nos leitores mais avisados, e naqueles mais incautos, os mais sinceros sentimentos. Porém, por detrás do filósofo barulhento e, às vezes incômodo, escondia-se uma figura dócil, fina, meiga e muitíssimo educada.

Nietzsche era uma pessoa de estatura média, com um farto e bem tratado bigode (sua *marca registrada*), dono de pequenas orelhas (das quais não fazia questão de esconder um certo orgulho devido ao belo formato), um tanto franzino, de um falar calmo e suave. Era um verdadeiro *gentleman*, tipo raríssimo e infelizmente pouco conhecido em nossos dias.

Amante incontinente da música, guardava também um gosto muito aguçado pela leitura dos poetas clássicos, dos grandes poetas alemães, principalmente os românticos, de tudo que dissesse respeito à Grécia Antiga, entre outros tantos assuntos (Renascimento italiano, História das Artes, Textos Clássicos, História do Catolicismo, etc.).

Pois bem, traço aqui estas breves linhas, por assim dizer, pré-introdutórias, com o intuito de desfazer um pouco a imagem do Nietzsche severo, mal-humorado, intolerante, etc., que é muito divulgada, tanto nos meios acadêmicos, como nos *círculos* literários em geral, e entre os leitores leigos em Filosofia.

Lou Andreas-Salomé, Paul Rée, Peter Gast, Franz Overbeck (seu mais fiel amigo até os últimos dias) e o próprio Richard Wagner, não pouparam, nas devidas ocasiões, elogios e descrições detalhadas do aspecto *nobre* de Nietzsche e da grande satisfação do trato pessoal com o filósofo.

3° ATO

(Capítulo III)

(Molto Maestoso - Grave ma non Troppo - Presto)

“Por mais que o homem se expanda com seu conhecimento e por mais objetivo que pareça, no final nada levará disso a não ser a sua própria biografia.”

(NIETZSCHE, Friedrich W. *Humano, demasiado humano*, Cap. I, p.92, 1983)

“Se querem ler biografias, evitem as que têm por título: ‘O Sr. Untel e seu tempo’, e leiam aquelas que têm como título: ‘Um homem em luta com o seu tempo’.”

(NIETZSCHE, Friedrich W. *Da utilidade e desvantagem da história para a vida*, § 8, p. 161, 1976)

NIETZSCHE: UM HOMEM EM LUTA CONTRA O SEU TEMPO

No dia 15 de outubro de 1844, nasce no vilarejo de Röcken, na Prússia, Friedrich Wilhelm Nietzsche. Seu pai, Karl Ludwig Nietzsche, era uma pessoa culta e delicada e pertencia a uma família eclesiástica luterana. O pai e o avô tinham ensinado teologia. A mãe, Franziska Nietzsche, era também filha e neta de pastores luteranos. O casal Nietzsche teve mais dois filhos depois do pequeno Friedrich: Elizabeth e Joseph. No mês de agosto de 1848, Karl Ludwig cai do alto de uma escadaria e bate com a cabeça contra os degraus de pedra. Passa, então, a sofrer convulsões e perdas de memória e, vítima de cegueira e paralisia progressiva, veio a falecer no início de 1849. Cabe observar aqui, que o fato de Karl Ludwig ter sido vitimado pela progressiva paralisia cerebral, será lembrado pelos primeiros biógrafos de Nietzsche, já como o prenúncio da hereditariedade de sua “loucura” dos últimos dez anos de sua vida.

Depois de alguns meses morre também o pequeno Joseph; e a viúva Franziska viu-se obrigada a mudar para Naumburg, pequena cidade às margens do Saale, onde Friedrich cresceu em companhia da mãe, da irmã, duas tias e da avó.

Em Naumburg começa também a escolaridade de Nietzsche. Em 1858 recebe uma bolsa de estudos na então famosa escola de Pforta, muito conhecida na época por seu ensino de tradição humanista e pela austera disciplina. Ali se procurava ministrar o estudo da língua e da literatura alemãs segundo os moldes clássicos; ensinavam-se as três línguas sagradas: hebraico, grego e latim, e tinha-se a preocupação de educar os alunos na prática de uma vida religiosa. Nietzsche se sobressai como uma criança de inteligência admirável, apaixonada pelos livros e pela música, que mais tarde exercerá uma decisiva influência em sua vida e em seu pensamento. Datam desse período também suas leituras de Schiller (1759-1805), Hölderlin (1770-1843) e Byron (1788-1824) e, sob essas influências e as de alguns professores, Nietzsche começou a se afastar do cristianismo.

Passa aos poucos a refletir sobre sua busca de conhecimento: o que havia ganho com ela? Começa, então, a dar-se conta de que todo o saber que acumulara se achava *dissociado da vida*.

Em 1863, ainda no colégio de Pforta, funda com os amigos Carl von Gersdorff (1844-1904) e Paul Deussen (1845-1919) uma sociedade literária, a *Germânia*, essa agremiação se propunha a discutir as questões ligadas à arte, à música e à literatura. Incentivava também a produção de textos, poemas e composições musicais, que seriam submetidos à apreciação sincera desse círculo de amigos.

Em 1864, matricula-se na Universidade de Bonn como estudante de teologia. Ali permanece pouco tempo. No ano seguinte, contra a vontade de sua mãe, abandona o curso e decide-se pela filologia.

Logo nos primeiros contatos com o curso de filologia não fica entusiasmado e certamente teria abandonado o curso se não fosse pela presença de Ritschl, seu professor predileto e um helenista eminente. Ritschl aconselha-o a seguir um único objetivo e a insistir no trabalho filológico. Ritschl considerava a filologia não apenas como história das formas literárias, mas como um estudo especulativo também das instituições e do pensamento. Nietzsche ouve o conselho, segue o

caminho sugerido pelo mestre e submete-se à disciplina que a filologia lhe impõe. Escreve trabalhos brilhantes sobre Diógenes Laércio (séc. III), Hesíodo (séc. VIII a.C.) e Homero.

Em 1865, Ritschl é nomeado professor em Leipzig e Nietzsche muda-se com o mestre para a mesma cidade. Dedica-se às leituras dos grandes clássicos e apresenta um texto sobre Teógnis para a apreciação de Ritschl, que o felicita calorosamente. Ritschl acredita em Nietzsche, e tinha razões para isso: nunca havia lido algo semelhante escrito por um aluno. Um aluno que passa a interessar-se pela filosofia devido a um acontecimento casual: descobre a obra fundamental que Arthur Schopenhauer (1788-1860) tinha publicado em 1818: *O mundo como vontade e representação*. Foi inspirado pelo ateísmo de Schopenhauer e atraído pela noção essencial que a experiência estética ocupa em sua filosofia, principalmente pelo significado metafísico que Schopenhauer atribui à música.

Pelo mérito de seus trabalhos realizados em Bonn e pelo texto sobre Teógnis, Nietzsche é convidado, aos 24 anos, para lecionar filologia clássica na Universidade e no *Pädagogium* de Basileia (Suíça), sob recomendação de Ritschl. Aceita a cátedra, mas com certa hesitação. Chega a Basileia em 19 de abril de 1869 e, no começo de maio, dá início às suas atividades. Transcorrem sem grandes problemas os primeiros tempos de sua estada nessa cidade. Encarrega-se de cursos regulares, profere conferências e dedica-se à escrita. Para um público numeroso, faz palestras: “*Sobre a personalidade de Homero*”, “*Sócrates e a tragédia*” e “*O drama musical grego*”.

Em julho de 1870, eclode a guerra franco-prussiana e Nietzsche obtém, junto às autoridades suíças, permissão para participar da frente de batalha como enfermeiro. Serve em Estrasburg e Metz, na França, mas depois de um mês, acometido por difteria e disenteria, tem que abandonar as suas incumbências para tratar-se junto à família, na Alemanha. É durante esse breve período, em que Nietzsche serve ao exército prussiano, que os biógrafos costumam especular sobre um provável encontro num bordel, entre Nietzsche e uma prostituta, e onde o *nosso* filósofo teria contraído sífilis, fato que, bem mais tarde, teria sido a origem da moléstia que o levaria, progressiva e lentamente à apatia e à agonia final.

Uma vez restabelecido, retorna para Basileia e retoma seu cargo de professor. Nesta ocasião, estreita relações com dois amigos: Jakob Burckhardt e Franz Overbeck. Burckhardt (1818-1897), historiador da arte, estudioso da cultura grega e do Renascimento italiano, será seu mestre admirado e respeitado, que depois de alguns anos se afastará do discípulo por desaprovar a audácia de suas idéias. Overbeck (1837-1905), professor de teologia e crítico do cristianismo, será o amigo fiel e constante que o acompanhará até seus últimos dias.

É nessa época, em torno de 1868, que Nietzsche reencontra a marcante figura de Richard Wagner (1813-1883), que tinha quase 55 anos e vivia então com Cósima, filha de Franz Liszt (1811-1886). Dá início a uma amizade mais estreita com Wagner e dedica-lhe suas horas livres. Conheceu-o em 1868 e admirava tudo o que ele compusera. Wagner era profundo conhecedor de Schopenhauer, o que o tornava ainda mais querido aos olhos de Nietzsche.

Em dezembro de 1871, Nietzsche termina de redigir *O nascimento da tragédia no espírito da música*, publicado no início do ano seguinte. O texto desse primeiro livro, cabe salientar, é influenciado pela filosofia de Schopenhauer e pela música de Wagner, a quem Nietzsche dedica o livro. O primeiro exemplar é para Wagner, que imediatamente responde: “*Nunca li nada de tão belo quanto seu livro! Ai tudo é magnífico! Escrevo-lhe de forma impetuosa, porque a leitura me transporta para além de toda medida e preciso primeiro recobrar os sentidos para ler o seu livro como se deve*”.⁽⁸⁾

No *Nascimento da tragédia*, Nietzsche considera Sócrates (470 ou 469 a.C. - 399 a.C.) como um *sedutor*, pelo fato de ter feito brotar na juventude de Atenas o mundo abstrato do pensamento. Assim, diz Nietzsche, a tragédia grega, que tinha atingido a sua perfeição pela reconciliação da *embriaguez e da forma*, ou seja, de Dioniso e Apolo, começou a se enfraquecer aos poucos com a *decadente* influência do racionalismo. Nietzsche estabeleceu a diferença entre o *apolíneo* e o *dionisiaco*; Apolo é o deus da bela forma, da harmonia e da ordem, enquanto Dioniso é o deus da exuberância, da desordem e da música. O *apolíneo* e o *dionisiaco* teriam sido separados pela civilização. Nietzsche trata, no *Nascimento da tragédia*, da

(8) WAGNER, 1871. Apud. MARTON, Scarlett: 1983.

Grécia antes da separação do trabalho manual e intelectual, entre o cidadão e o político, entre o poeta e o filósofo, entre o Eros e o Logos. Para ele, a Grécia socrática, a do racionalismo e da lógica, da cidade-Estado, marcou o fim da Grécia antiga e de sua força criadora. Nietzsche vislumbra na obra musical e no conceito de *obra de arte total*⁽⁹⁾, de Wagner, a possibilidade da reconciliação de Apolo e Dioniso.

No meio acadêmico o livro não é bem acolhido. Desapontado, Nietzsche refugia-se no trabalho. No início de 1872, pronuncia na Sociedade Acadêmica de Basileia cinco conferências *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*. De 1869 a 1872 tinha grande número de alunos; agora são poucos os que o procuram.

Durante os últimos meses de 1872, Nietzsche prepara cursos para a universidade e redige *A filosofia na época trágica dos gregos*, um estudo sobre os filósofos pré-platônicos, e que permaneceu incompleto. Ocorre-lhe fazer uma série de escritos polêmicos sobre diferentes temas, os quais deveriam ser editados de forma simples, com o título *Considerações extemporâneas*!

O primeiro adversário é o teólogo David Strauss, cujo nome aparece como título da primeira *Extemporânea: David Strauss, o devoto e o escritor*, publicada em agosto de 1873. A segunda *Extemporânea* intitula-se: *Da utilidade e desvantagem da história para a vida*, fevereiro de 1874. Em outubro desse mesmo ano, Nietzsche publica a terceira, *Schopenhauer como educador*. Planeja várias outras, mas conclui apenas mais uma, a quarta: *Richard Wagner em Bayreuth*, publicada em julho de 1876.

Nesse período, Nietzsche trava conhecimento com três pessoas, que terão participação decisiva em sua vida. Em maio de 1872, é apresentado a Malwida von Meysenbug (1816-1903). Escritora e colaboradora de diversos jornais, feminista e militante, estimada nos círculos wagnerianos, Malwida será por muito tempo sua amiga mais próxima. Em maio de 1873, encontra Paul Reé (1849-1901). Médico de formação, autor de dois livros sobre questões morais: *“Observações psicológicas”* e

(9) Também conforme SUSAN SONTAG, op. cit., p.118: “a fantasia estética de Richard Wagner sobre o palco invisível e sobre a concepção da ‘obra de arte total’, foi realizada de forma mais literal no palco imaterial do cinema. Nisto, Wagner pode ser considerado, também com o devido e justo reconhecimento, como um extemporâneo.”

“*Origens dos sentimentos morais*”, Reé será seu companheiro mais estimado. Em outubro de 1875, conhece Heinrich Köselitz (1854-1918), que usa o pseudônimo de Peter Gast. Estudante de filologia e sobretudo músico, Peter Gast será seu amigo dedicado e fiel, que o auxiliará, a partir da *Quarta Consideração Extemporânea*, na revisão das provas impressas de suas obras.

Em julho de 1876, ao receber o exemplar *Richard Wagner em Bayreuth*, Wagner escreve a Nietzsche e o convida para uma temporada e para a abertura oficial do Primeiro Festival de Bayreuth. Pobre Nietzsche, aceita o convite e assiste à primeira apresentação da *Tetralogia*. As coloridas esperanças e expectativas que Nietzsche tinha depositado na obra musical de Wagner, qual seja, a da reconciliação do *apolíneo* e do *dionisiaco*, começam a desbotar. Aquilo de que Nietzsche já desconfiava se confirma: Wagner era apenas um homem de teatro. Sua música servia de adulação à alta burguesia; sua arte tornou-se uma mercadoria de luxo; seu público, composto por políticos e por gente de sociedade, era medíocre, ávido de prazer e de divertimento. (Apesar da prudência intuitiva de Nietzsche em relação à crença e ao consequente engano e confirmação acerca da proposta inovadora de Wagner, creio que esse fato não torna o mestre menos brilhante e nem desmerecedor de ocupar o lugar privilegiadíssimo que ainda hoje lhe é atribuído na história da música) Decepcionado, Nietzsche voltou rapidamente para Basiléia. Acometido por mais uma crise de saúde, obteve dispensa de suas atividades junto à universidade. Com Paul Reé, partiu para a Itália e, em Sorrento, foi recebido na *villa* de Malwida von Meysenbug. No mês de novembro de 1876, encontrou-se pela última vez com Wagner, que também estava de passagem por Sorrento para repousar. Triste encontro, triste fatalidade. . . . Ali estavam reunidos no mesmo local, dois *grandes gênios* do século XIX, porém separados por divergências profundas. Considero este último grande encontro como um dos episódios mais tristes nas vidas do músico e do filósofo.

Por isso seria injusto, tanto para com Wagner como para com Nietzsche, não relembrar a belíssima passagem do autobiográfico *Ecce Homo*: “*Aqui, onde falo das recreações de minha vida, preciso de uma palavra para exprimir minha gratidão por aquilo que nela foi, de longe, o que mais profundamente e mais*

*de coração me recreou. Foi, sem dúvida nenhuma, o trato mais íntimo com Richard Wagner. Deixo barato o resto de minhas relações humanas; por nenhum preço cederia, de minha vida, os dias de Tribschen, dias de confiança, de serenidade, de sublimes acasos — de instantes profundos. . . Não sei o que outros viveram com Wagner; por sobre nosso céu nunca passou uma nuvem.*³³⁽¹⁰⁾

Com essas palavras, Nietzsche irá lembrar o doce convívio com Wagner e seu encanto pela obra musical do mestre compositor, apenas algum tempo antes de ser acometido pela moléstia progressiva, que o levaria à total *alienação* da realidade que o cercava e que lhe consumiria os últimos dez anos de vida.

(10) NIETZSCHE, Friedrich W. *Ecce Homo — Como tornar-se o que se é; Por que sou tão*

A OBRA MADURA DE NIETZSCHE

Passados quase três anos, ao receber o exemplar de *Humano, demasiado humano* — um livro para espíritos livres, lançado em maio de 1878, Wagner silencia. Mas nas “Folhas de Bayreuth” aparece um artigo condenando o livro. Os amigos reagem de diferentes maneiras ao livro. Erwin Rohde mostra-se consternado, Malwida von Meysenbug não consegue esconder seu embaraço. Burckhardt, Overbeck, Paul Reé e Peter Gast, porém, são pródigos em elogios.

Nietzsche permanece ainda três semestres na universidade. Na metade de 1878, está no limite de suas forças. Seu estado de saúde se agrava: as crises se sucedem, e as dores oculares obrigavam-no a permanecer a maior parte do tempo sentado no quarto em penumbra. As enxaquecas não o abandonam, e os acessos de vômito são contínuos.

Em 02 de maio de 1878, apresenta sua carta de demissão à universidade. Seu afastamento do mundo universitário não tardaria, mas só a doença acaba por fazê-lo decidir-se a deixar definitivamente a cátedra de filologia.

Graças à intermediação do amigo Overbeck, a municipalidade, a sociedade acadêmica e a Universidade de Basileia concedem a Nietzsche uma pensão de 4 mil francos por mês, pelos serviços prestados à cultura na Suíça. Esse dinheiro lhe permitirá viver modestamente até o final de sua vida.

Em 1879, Nietzsche abraça uma vida errante: percorre vilarejos da Suíça, passa algum tempo em Naumburg. Publica dois apêndices a *Humano, demasiado humano*: em março, *Miscelânea de opiniões e sentenças* e, em setembro de 1880, *O andarilho e sua sombra*. Na edição de 1887, apresentará os dois textos reunidos num segundo volume de *Humano, demasiado humano*.

Em fevereiro de 1881, Nietzsche conclui em Gênova a redação de *Aurora — pensamentos sobre preconceitos morais*. No final de abril, encontra Peter Gast, em Recoaro. Trabalha com ele na correção das provas do livro, que só será publicado em julho.

Em fevereiro de 1882, o filósofo termina de redigir *A Gaia Ciência*. Acredita que esse livro forma com *Humano, demasiado humano* e *Aurora* uma cadeia de pensamentos. Os três revelam o seu exercício enquanto *espírito livre*.

No final de abril de 1882, Nietzsche chega a Roma, sendo recebido por Malwida von Meysenbug. Numa manhã de primavera, conhece Lou-Salomé (1861-1937); Nietzsche lhe é apresentado pelo amigo comum, Paul Reé, num passeio à Basílica de São Pedro. Em Nietzsche, a “jovem russa” julga encontrar um homem brilhante que poderia auxiliá-la a aprimorar sua formação. Em Lou, o filósofo espera ter “uma discípula” que continue seu pensamento. Encontros e desencontros marcam essa relação profunda e, ao mesmo tempo, efêmera.

Nietzsche se apaixona por Lou e chega a pedir a intermediação do Paul Reé para iniciar um relacionamento mais íntimo e seguro com Lou-Salomé; mas não é correspondido da maneira que pensava.

Má intencionada, a irmã de Nietzsche continua a interferir na sua vida. Teme que a relação com a “jovem russa” venha a macular sua reputação. Mal-entendidos, intrigas, trocas de injúrias, calúnias. Atravessado por sentimentos contraditórios, ele não sabe mais em quem confiar. Em dezembro de 1882, corta relações com Lou Salomé e Paul Reé e interrompe a correspondência com a família. Idéias de suicídio perseguem-no; por três vezes chega a tomar quantidade abusiva de narcóticos.

Em fevereiro de 1883, redige em dez dias a primeira parte de *Assim falou Zaratustra — um livro para todos e para ninguém*; em julho, dez dias lhe bastam para escrever a segunda; em janeiro de 1884, precisa apenas de dez dias para redigir a terceira; um ano depois, também em dez dias elabora a quarta e última.

Passam-se meses e anos: Naumburg, Leipzig, Basiléia, Gênova, Nice, Veneza, Sils Maria, Naumburg, Leipzig. De um país a outro, Nietzsche expede a mala cheia de livros e manuscritos, tudo o que possui. Mora em pensões modestas e, por vezes, aceita a hospitalidade de conhecidos. Em maio de 1883, retoma as relações e a correspondência com a família e, em setembro de 1885, despede-se da irmã Elizabeth, que partia com o marido Bernhard Förster, um anti-semita notório, para o Paraguai. Lá, pretendiam fundar uma colônia ariana: “La Nueva Germania”.

No verão de 1885, Nietzsche pensa num profundo remanejamento de *Humano, demasiadamente humano*. Pretende ainda publicar outra *Consideração extemporânea* sobre Wagner, que morreria de um ataque cardíaco em Veneza, na manhã do fatídico dia 13 de fevereiro de 1883. Mas não leva adiante nenhum dos projetos. Em 1886, publica um novo livro, *Para além do bem e do mal — prelúdio de uma filosofia do porvir*. No mês de julho, elabora *Para a genealogia da moral*, que traz como subtítulo “*Um escrito polêmico em adendo a ‘Para além do bem e do mal’, como complemento e ilustração*”.

Nesses dois livros, ele examina como surgem os valores e, em particular, os valores morais.

Nietzsche elabora seus últimos textos durante o ano de 1888. Em *O Caso Wagner*, faz uma apreciação crítica da obra do compositor; é a contrapartida à homenagem que lhe prestara na *Quarta consideração extemporânea*. Em *Crepúsculo dos ídolos — ou como filosofar com um martelo*, propõe-se a auscultar os velhos ídolos: o Estado, as instituições, a moral, o espírito alemão, as ilusões da filosofia, para destruí-los a marteladas. Em *O anticristo*, fulmina tudo o que é cristão ou está contaminado pelo cristianismo. Em *Ecce Homo — como tornar-se o que se é*, sua autobiografia, fala de suas qualidades e necessidades, reflete sobre a doença, o regime alimentar, a escolha do clima e dos lazeres, passa em revista cada um de seus livros publicados e anuncia a missão a que se predestina: a inversão total dos valores. Em *Nietzsche contra Wagner*, reunindo textos extraídos das próprias obras, expõe como, pelo menos desde 1887, ele e o compositor são antípodas. E nos *Ditirambos de Dioniso*, organiza uma coletânea de poemas seus.

Nos manuscritos, o filósofo revela a intenção de escrever um livro intitulado *A vontade de poder*. É um projeto filosófico. De acordo com o último plano, de 26 de agosto de 1888, ele prevê a publicação de uma obra composta de quatro partes. Desse plano, chega a redigir apenas uma delas: *O anticristo*. Portanto, é por mera convenção que se dá o nome de *A vontade de poder* ao conjunto de fragmentos postumamente reunidos, escritos de 1882 a 1888. De fato, o livro nunca existiu.

"Na entrevista de que dentro em breve terei de me apresentar à humanidade com a mais difícil exigência que jamais lhe foi feita, parece-me indispensável dizer quem sou eu. No fundo se poderia sabê-lo, pois não me 'deixei sem testemunho'. A desproporção, porém, entre a grandeza de minha tarefa e a pequenez de meus contemporâneos, alcançou sua expressão no fato de que nem me ouviram, nem sequer me viram. (...) Nessas circunstâncias há um dever, contra o qual se revolta, no fundo, meu hábito, e mais ainda o orgulho de meus instintos, ou seja, de dizer: Ouçam! pois eu sou tal e tal. **Não me confundam, sobretudo!**"⁽¹¹⁾

(NIETZSCHE, Friedrich W. *Ecce Homo — Como tornar-se o que se é; Prólogo*, § 1, p. 365, 1983)

"A principal responsável pela deformação da obra de Nietzsche foi sua irmã Elizabeth, que, ao assegurar a difusão de seu pensamento, organizando o Nietzsche-Archiv, em Weimar, tentou colocá-lo a serviço do nacional-socialismo."

(FEREZ, Olgária Chaim e CHAUI, Marilena de Souza. *Nietzsche, vida e obra*. In: *Nietzsche: obras incompletas*. 3ª ed., São Paulo, Abril Cultural, p. XV, 1983. Col. Os Pensadores)

CONFISCO, DESCRÉDITO E VULGARIZAÇÃO DA OBRA DE NIETZSCHE

Já desde 1873, Nietzsche esteve de uma forma ou de outra adoentado. Problemas estomacais, náuseas e vômitos; violentas enxaquecas e insônias constantes; dores na vista, miopia e muita sensibilidade à luminosidade; para piorar

(11) O grifo é nosso (= por *cortesia*).

seu debilitado estado de saúde, Nietzsche recorre a diversos tipos de tratamentos, de melhores condições climáticas a uma grande variedade de dietas, porém sem bons resultados; lança mão, então, de saís, soporíferos e haxixe. Entre os últimos dias de 1888 e os primeiros de 1889, Nietzsche encontra-se em Turim e sofre alguns ataques originários de forte tensão psíquica. Numa manhã, saindo da pensão para dar um passeio, Nietzsche avista um homem açoitando brutalmente um cavalo no meio da rua. Precipita-se entre o chicote e o cavalo, implora, chora, abraça ternamente o animal e cai em delírio. O dono da pensão o reconhece e recolhe-o. Tomado por convulsões, passa alguns dias entre o delírio agressivo, a serenidade e a doçura. Envia bilhetes com diferentes assinaturas. Ao receber o conto de Strindberg: *Torturas de Consciência*, responde-lhe: “O senhor logo ouvirá a minha resposta ao seu conto, ela soará como um tiro de fuzil... Convoquei em Roma uma assembléia de príncipes, quero mandar fuzilar o jovem imperador. Até breve! Pois nos reveremos... Uma única condição: divorciemo-nos. Nietzsche César”. A Brandes escreve: “Ao amigo Georg! Depois que me descobriu, não foi grande coisa encontrar-me; a dificuldade é agora perder-me... O Crucificado”. A Gast: “A meu maestro Pietro. Cante-me um novo canto; o universo está radiante e todos os céus se regozijam. O Crucificado”. E a Cósima Wagner: “*Ariadne, eu te amo. Dioniso*”.

Seguindo instruções médicas, Franz Overbeck parte para a Itália com a incumbência de levá-lo para a Suíça. No dia 10 de janeiro, Nietzsche é internado numa clínica psiquiátrica de Basileia. Uma semana depois, é transferido para a clínica de Iena. A partir de outubro, sua mãe é autorizada a vê-lo com frequência. No início de 1890, recebe a visita de Peter Gast e de Overbeck. Em 24 de março, deixa a clínica e fica sob a responsabilidade da mãe. Passa os últimos dez anos de vida tutelado pela família. Alheio ao que ocorre à sua volta, morre em Weimar ao meio-dia de 25 de agosto de 1900.

Nunca se chegou a esclarecer, de modo conclusivo, as causas da enfermidade de Nietzsche. Uns defendiam a opinião de que a paralisia cerebral se devia a disposições internas hereditárias e outros a de que tinha causas externas, provocadas pelo abuso de sedativos e pela sífilis. Outros, porém, dispuseram-se a fazer uma reavaliação retrospectiva de suas idéias, à luz do enlouquecimento,

atribuindo diferentes datas à manifestação dos primeiros sintomas da doença mental ou, então, tentaram detectar quais dos seus textos haviam sido escritos sob o efeito das drogas. Enfim, não foram poucos os que se aproveitaram do estado em que Nietzsche mergulhou, a partir de 1889, para desacreditar sua obra.

No final de 1890, sua irmã Elizabeth regressou endividada à Alemanha. A colônia “La Nueva Germania”, no Paraguai, fracassara e seu marido se suicidara. Surpreendendo-se com a procura sempre crescente das obras de Nietzsche, ela levou a mãe, através de trâmites judiciais, a ceder-lhe a custódia de todos os seus escritos. Elaborou uma nova edição de seus livros, supervisionou as publicações, insistiu no lançamento de edições baratas. Leiloou os manuscritos das conferências *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*, vendendo-os para um jornal popular em dezembro de 1893; autorizou a publicação de *O anticristo* em setembro de 1895; organizou uma antologia de poemas lançadas antes do Natal de 1897.

Não contente com isso, Elizabeth empenhou-se na difusão do nome de Nietzsche pela imprensa e, entre 1893 e 1900, fez dele o ídolo das revistas. Escreveu artigos, introduções a seus livros e uma biografia em três volumes. Ainda insatisfeita, inventou uma “obra capital”: *A vontade de poder*. Para a primeira edição, reuniu postumamente 483 fragmentos redigidos entre o outono de 1887 e janeiro de 1889; foram *organizados* sem respeito pela ordem cronológica. A fim de legitimar sua empresa, ela não hesitou em falsificar cartas do irmão, dirigidas na sua maioria à amiga Malwida von Meysenbug; obteve os originais, compôs o texto a partir deles e depois os destruiu. Apresentando-se como a destinatária das cartas, pretendia impor a imagem de credibilidade junto aos editores e amigos do filósofo, queria levar a crer que conhecia as intenções dele melhor do que ninguém.

Com o capital proveniente de doações e dos direitos autorais, Elizabeth adquiriu uma *villa* em Weimar, onde instalou os Arquivos Nietzsche. Recebia altas personalidades do mundo cultural e político, expondo o irmão a olhares curiosos. Mais tarde, irá permitir e incentivar a utilização da filosofia nietzscheana pelo III Reich. Será visitada pelo próprio Hitler e, em 1935, enterrada com honras nacionais.

4º ATO

(Capítulo IV)

(Allegro non Molto)

“Um dia virá em que só se terá
um pensamento: **A Educação**.”⁽¹²⁾
(NIETZSCHE, Fridrich W. *Fragmentos póstumos* — 1875)

Como todo grande pensador, Nietzsche também não escapou da vulgarização e da trivialização de sua obra. Nem tão pouco das análises distorcidas, intencionalmente ou não, pelas quais passaram os seus textos. Terei deste modo o propósito básico de procurar fornecer alguns subsídios para a compreensão de quem foi o *homem* Nietzsche.

Apesar de Nietzsche não se ter preocupado principalmente com as questões pedagógicas, a leitura de suas obras, e sobretudo a análise de suas críticas à modernidade, à cultura e aos estabelecimentos de ensino, inspira-nos e auxilia-nos na reflexão sobre as idéias educacionais de nosso tempo. Parece-nos que os aspectos descritos pelo jovem Nietzsche, na segunda metade do século XIX, acerca dos estabelecimentos de ensino e da formação neles ministrada assemelham-se, em grande parte, ao quadro de nosso atual sistema de educação. Não só; mesmo as reflexões sobre as questões relativas à *cultura de massa*, à *cultura jornalística* e ao *descuido do ensino da língua materna*, parecem encontrar ecos em nosso atual sistema de ensino. Apesar de buscarmos traçar esse correlato, qual seja, a crítica de Nietzsche à modernidade, à cultura e aos estabelecimentos de ensino, na segunda metade do século XIX; e a atual e vertiginosa decadência de nosso sistema educacional, estarei atento para não apresentar soluções ou sugestões no sentido de melhorar nosso atual sistema educacional. Meu intento principal é o de assinalar as contribuições de Nietzsche para alguns aspectos da cultura e do ensino atual. Ressaltando tais contribuições, espero melhor entender as questões culturais, educacionais e pedagógicas e também a reflexão filosófica sobre o complexo ato de educar. Não

(12) O grifo é **nosso** (= *cortesia* também!)

considero repetitivo o fato de acentuar que o objetivo desse trabalho não é o de buscar subsídios em Nietzsche que sejam aplicáveis e utilizáveis (*receitas*); não estou, absolutamente, em busca nem de métodos, nem de soluções prontas e acabadas para a educação. Desejo, sim, inspirar uma maior e devida preocupação com as questões educacionais, principalmente em seu aspecto filosófico, e contribuir para o enriquecimento das reflexões que devem decorrer dessas preocupações. Pretendemos também assinalar a riqueza da contribuição de Nietzsche para o engrandecimento da reflexão filosófica. Observo também que, a despeito de algumas reservas e de alguns preconceitos (*e aqui me aborreço!*) em torno do *meu* pensador, existe em Nietzsche um estilo sedutor que impele a uma reflexão sempre mais profunda e enriquecedora.

Na concepção nietzscheana, não existe cultura sem um projeto de educação e nem educação sem uma cultura que lhe sirva de apoio. Apresentarei ainda a crítica de Nietzsche aos filósofos de sua época, que se haviam transformado em meros servidores do Estado, apresentarei também alguns aspectos do sistema educacional alemão da segunda metade do século XIX, criticado por Nietzsche. Este sistema partia de um ponto de vista historicista, dando origem a uma pseudocultura que nada mais era do que uma simulação (imitação) de outras culturas. Analisarei, ainda, a crítica de Nietzsche ao sistema de ensino alemão, que visava à educação de um número cada vez maior de indivíduos para servirem às crescentes necessidades do parque industrial que se desenvolvia rapidamente na Alemanha da segunda metade do século XIX, observada principalmente no período após 1870, com a indenização paga pela França em consequência da guerra franco-prussiana. Tal sistema de ensino, do ponto de vista de Nietzsche, visava à mera capacitação dos indivíduos como mão-de-obra especializada, sem levar em conta a formação integral do indivíduo e o aprimoramento do ser humano, como Nietzsche afirma: “*todo homem sabe muito bem que está no mundo somente uma vez, como um caso único, e que jamais o acaso, por mais caprichoso que seja, reunirá uma segunda vez uma tão estranha diversidade multicolorida num todo tal como ele é.*”⁽¹³⁾

Em 1872 Nietzsche profere as cinco conferências na Universidade de Basileia: “*Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*”. Critica a pobreza

de espírito dos professores de sua época, diz que faltam os verdadeiros talentos inventivos e autenticamente geniais, com idéias boas e novas, que saibam acima de tudo que a autêntica genialidade e a autêntica praxis devem encontrar-se unidas na mesma pessoa. Nietzsche chama a atenção para o fato da literatura pedagógica de sua época refletir essa pobreza de espírito. Essa reflexão de Nietzsche sobre a educação tem como finalidade principal denunciar que o saber se tinha transformado em artigo de luxo.

Segundo o filósofo, a educação ministrada aos jovens alemães fundava-se numa concepção de cultura histórica, quando privilegiava os acontecimentos e os personagens do passado, retirando do presente sua efetividade e obscurecendo o futuro.

É pensando na juventude e acreditando nela que Nietzsche afirmará mais tarde: “*Já basta de cultura histórica*”.⁽¹⁴⁾ O homem deve aprender a viver e só se utilizar da história quando ela estiver a serviço da vida.

É preciso destacar, no entanto, que Nietzsche não tem a ingenuidade de opor à história a ausência de sentido histórico. Nós não somos feitos para o saber, o saber é feito para nós. A vida tem necessidade da história, e a história é própria do ser vivo. Com isso, Nietzsche descarta a possibilidade de o educador ser o “filioteu da cultura”, pois este nada mais é do que o resultado de uma cultura de memória. Para Nietzsche, o “filioteu da cultura” nada mais é do que um ser disposto a discorrer sobre os mais variados assuntos, porém sem a devida profundidade. Antes de tudo, o “filioteu” acredita em um outro tipo de educação, que se nortearia pelos mesmos princípios que fundam a pseudocultura. A Alemanha do século XIX acredita na verdade eterna de sua educação e no seu “estilo de cultura” mas, na realidade, falta tal estilo, pois a cultura é a unidade de estilo artístico em todas as manifestações vitais de um povo ou de uma sociedade. Saber muito e ter aprendido muito não são nem um meio necessário, nem um sinal de cultura.

(13) NIETZSCHE, Friedrich W. *Schopenhauer come educatore*, trad. Mazzino Montinari, Milão: Adelphi (Piccola biblioteca Adelphi 184), 16ª ed., § 1, p. 265, 1982.

(14) NIETZSCHE, Friedrich W. *Da utilidade e desvantagem da história para a vida*, Lisboa: Martins Fontes (Coleção Síntese), Prefácio, 1976.

Por verem sua marca em toda parte, os “filisteus da cultura” concluem que a cultura alemã possui um estilo. Mas na realidade a unidade de que se vangloriam os alemães é a de não possuir nada por eles mesmos. Quando Nietzsche denuncia o caráter imitativo dos alemães, tem por objetivo criticar o nacionalismo exacerbado dos que confundem cultura com glórias militares dos exércitos prussianos durante o processo de unificação alemã e da apropriação da cultura pelo Estado, colocando-a a seu serviço e atendendo seus interesses

O homem moderno oscila entre dois pólos: o exterior e o interior, corpo e espírito. O que Nietzsche deplora na educação é essa disjunção entre corpo e espírito. Influenciado pelos gregos, Nietzsche considera que o corpo e o espírito devam ter o mesmo desenvolvimento, sem que ocorra a hipertrofia de qualquer um desses dois elementos. Não aprova também o fato de a educação de sua época não ter como objetivo formar personalidades fortes, mas sim homens teóricos.

O segredo dissimulado da cultura moderna é que ela não possui nada de próprio, tendo-se tornado alguma coisa que se assemelha a uma enciclopédia ambulante: “(...) *mas o valor das enciclopédias está apenas no seu conteúdo e não no invólucro, na sua encadernação de couro; é desta forma que a cultura moderna é essencialmente interior; no exterior, o encadernador inscreve qualquer coisa do gênero: ‘Manual de cultura histórica para homens de exterior e bárbaros’*”.⁽¹⁵⁾

Se não se encontram mestres na universidade, onde estão os filósofos-educadores, os médicos da sociedade para guiar os homens na sua educação? Eis a tese principal de Nietzsche: ainda não existem esses educadores, mas quando existirem poderão fazer muito pelos seus alunos, tornando-se seus libertadores e criando condições para que o educando seja seu próprio educador: “*Ninguém pode construir em teu lugar as pontes que precisarás passar para atravessar o rio da vida, ninguém exceto tu, somente tu. Existem, por certo inúmeras veredas, e pontes, e semideuses que se oferecerão para levar-te do outro lado do rio; mas isso te custaria*

(15) NIETZSCHE, Friedrich W. *Da utilidade e desvantagem da história para a vida*, Lisboa: Martins Fontes (Coleção Síntese), § 4, 1976.

a tua própria pessoa: tu te hipotecarias e te perderias. Existe no mundo um único caminho, por onde só tu podes passar. Para onde leva? Não perguntes, segue-o.”⁽¹⁶⁾

Diante da desolação em que se encontra a cultura contemporânea, e na falta de verdadeiros *médicos da civilização*, de *educadores liberadores*, Nietzsche busca um modelo, um iniciador. Alguém que pudesse imitar, que não fosse um manual encarnado nem uma abstração encadernada. O exemplo que procurava deveria ser dado “(...) *pela vida visível e não apenas pelos livros; deveria, pois, ser dado, como ensinavam os filósofos na Grécia, pela expressão do rosto, atitude, vestuário, alimentação, costumes, mais ainda do que por aquilo que é dito ou escrito*”.⁽¹⁷⁾

Podemos começar a concluir (e não prematuramente) que o excesso de história, a cultura livresca, a separação do corpo e do espírito levam Nietzsche a afirmar que a Alemanha não tem exatamente uma cultura. Se a cultura existe, é apenas como uma cultura artificial, e não de expressão direta da vida; ela é apenas um suplemento, um excedente. Poderíamos desfazer-nos dela sem o menor prejuízo para a vida. A Alemanha não possui uma cultura, nem pode tê-la, em virtude de seu sistema educacional. A partir do reconhecimento dessa verdade, Nietzsche irá afirmar que a primeira geração dos que irão construir uma cultura autêntica deverá ser educada. Todavia essa geração deverá educar-se a si mesma e contra si mesma, ou seja, terá de formar novos hábitos e uma nova natureza, abandonar seus primeiros hábitos.

O filisteu da cultura é “*um ser empanturrado de mil impressões de segunda mão, sempre disposto a discorrer sobre o Estado, a Igreja, a filosofia e a arte*”.⁽¹⁸⁾ Por isso Nietzsche acusará David Strauss de filisteu da cultura no livro que este escreveu: *A Velha e a Nova Fé*; pois a cultura para Nietzsche é a unidade de estilo artístico em todas as manifestações vitais de um povo. Saber muito e ter aprendido muito não são nem um meio necessário, nem um sinal de cultura, mas o contrário, são uma mistura caótica de todos os estilos.

(16) NIETZSCHE, Friedrich W. *Schopenhauer come educatore*. Trad. Mazzino Montinari, Milão: Adelphi (Piccola Biblioteca Adelphi, 184), 16ª ed., § 3, p.265, 1982.

(17) Op. cit. idem

(18) NIETZSCHE, Friedrich W. *Da utilidade e desvantagem da história para a vida*, Lisboa: Martins Fontes (Coleção Síntese), § 2, 1976.

Duas correntes dominam os estabelecimentos de ensino alemães: de um lado, a ampliação tanto quanto possível da educação; e, de outro, a da sua hipertrofia e enfraquecimento. A primeira tendência busca levar à cultura um número cada vez maior de indivíduos. A segunda exige que a cultura abandone suas pretensões à sabedoria e se consagre à defesa dos interesses do Estado. Deste modo, adquirir cultura significa capacitar os indivíduos a ganhar dinheiro, colocá-los rapidamente no mercado de trabalho ou nos quadros do Estado.

Pode parecer estranho ouvir Nietzsche recomendar aos que querem educar-se que procurem um modelo para imitar. É bom lembrar que Nietzsche critica os *filisteus da cultura* justamente pelo fato de serem estes imitadores, espectadores da vida e do pensamento alheio, e não autores de sua vida e de seus pensamentos. Para evitar distorções, é preciso compreender a que tipo de imitação Nietzsche se refere, qual seja, a de um modelo que eduque e eleve ao mesmo. Nietzsche propõe uma imitação criadora. Não se trata de repetir passivamente o modelo, mas de encontrar o que tornou possível sua criação.

Em suas conferências *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*, ele examina os meandros do sistema educacional de sua época. As duas tendências que vigoram neste período, a *ampliação máxima da cultura* e a *hipertrofia da cultura*, embora aparentemente opostas, estão conjugadas para perseguir os mesmos objetivos, isto é, o enfraquecimento da cultura.

A primeira tendência, a da *ampliação máxima da cultura*, pretende que o direito à cultura seja acessível a todos; ela exige que para isso seja seguido o exemplo da economia política, a saber: tanto conhecimento e cultura quanto possível.

A segunda tendência, a da *hipertrofia da cultura*, pretende que os indivíduos consagrem sua vida à defesa dos interesses do Estado.

Aliada a essas duas tendências, encontra-se, segundo Nietzsche, a *cultura jornalística*. Esta é a confluência das duas tendências anteriores, o lugar onde se encontram e dão as mãos. A cultura ampliada, a cultura especializada e a cultura jornalística completam-se para formar uma só e mesma cultura. Enquanto o sistema pedagógico estiver atrelado à ampliação e à especialização, não se poderá falar em educação voltada para a cultura.

Nietzsche adverte para que não se confunda *cultura de massa* com *cultura popular*. Elas não são sinônimas. Ao contrário, pela instrução elementar obrigatória para todos não se chega ao que se chama de cultura popular a não ser de uma forma grosseira e artificial. A *cultura popular*, segundo Nietzsche, é aquela que está ligada à terra natal e aos costumes locais.

Ao separar o popular da massa, Nietzsche deixa claro o perigo que corre a cultura ao permitir que as classes letradas sejam contaminadas pelos valores de sua época. Os partidários da cultura de massa destroem a cultura diferenciada de cada povo. A proliferação cada vez maior de escolas e a multidão de professores despreparados enfraquecem a cultura, a ponto de não se poder fundar nenhuma hierarquia natural, nenhum respeito ao educador de si mesmo.

Nietzsche vê na aprendizagem apaixonada da língua materna e da arte de escrever uma das tarefas essenciais da escola secundária. A tarefa de uma escola de alta qualidade deve ser, por isso, *adestrar linguisticamente* o estudante, fazê-lo começar a levar o estudo da língua a sério, pois o declínio da força vital da língua contribui para a degeneração da cultura. Se o professor não conseguir incutir nos jovens estudantes uma *aversão física* por determinadas palavras e expressões com que os habituaram os adeptos da *cultura jornalística* e os maus romancistas, é melhor, segundo Nietzsche, renunciar à cultura.

No *Gymnasium*, o professor de alemão deve chamar a atenção de seus alunos para a inadequação vocabular e proibi-los de usar lugares-comuns difundidos pela imprensa. Para isso, é necessário analisar os clássicos e estimular os alunos a exprimirem um mesmo pensamento várias vezes e cada vez melhor.

A educação começa com o hábito e a obediência, isto é, com o adestramento. *Adestrar linguisticamente* os jovens não significa domesticá-los com um acúmulo de conhecimentos históricos acerca da língua, mas sim fazê-los construir determinados princípios, a partir dos quais possam crescer por si mesmos, interior e exteriormente. Significa tornarem-se senhores de seu idioma e continuarem a construir uma língua artisticamente, partindo dos trabalhos que os precederam. O *adestramento linguístico* — ou o estudo apaixonado da língua — é o primeiro requisito para uma verdadeira cultura. A cultura começa quando o vivente é tratado

como algo vivo. Para isso, é necessário que a linguagem seja vivida, e não apenas falada. A língua é um organismo vivo, infinitamente complexo, mas por isso mesmo um organismo. Tem dentro de si uma força vital e certos poderes de absorção e crescimento, mas se continuar a ser manuseada pela torrente de jornais e livros despejados pelas novas impressoras, caminhará para a sua própria dissolução.

A crítica estética nos jornais literários chegou às instituições de ensino e corrompeu o gosto estético de professores e alunos. Os estudiosos lêem, porém seu gosto já está tão contaminado, que passam aos estudantes seus preconceitos e conhecimentos mal assimilados.

Como ir contra essa crescente onda de a *moda jornalística* influenciar o modo de escrever dos jovens? Como dar à língua um estímulo que não seja o jornalístico, pretensamente elegante e imitado das letras francesas?

De nada adianta apresentar aos alunos um Homero ou um Sófocles, sob o pretexto de lhes dar uma “cultura formal”, se esta pouco lhes servirá. Seria melhor que a aproximação dos jovens com o mundo helênico, infinitamente afastado, se desse por meio do interesse provocado pelo estudo dos clássicos — por exemplo Goethe, Hölderlin, Schiller, poetas e artistas que, por trazerem a cultura da Antiguidade no próprio sangue, saberiam despertar o gosto pela arte e o respeito pelos clássicos e, talvez, estimular os dons artísticos em seus leitores.

O crescente desprezo pela formação humanística e o aumento da tendência cientificista nas escolas; a proliferação de estabelecimentos destinados à educação, sinônimo de diminuição da qualidade de ensino; a instrução dirigida por questões históricas e científicas, e não por um adestramento prático; o abandono do ensino na formação de um sentido artístico da língua em favor de um duvidoso estilo jornalístico; a ênfase dada à profissionalização, no intuito de criar pessoas aptas a ganhar dinheiro — tudo isso impede que o sistema educacional se volte para a cultura.

Nietzsche não vê com hostilidade a implantação e a proliferação, na Alemanha da segunda metade do século XIX, das escolas técnicas. O que ele censura, quando afirma que a cultura não é serva do ganha-pão e da necessidade, é o fato de o *Gymnasium* e a universidade terem-se voltado para a profissionalização e, apesar

disso, continuarem a acreditar que são lugares destinados à cultura, quando na verdade não se distinguem muito da escola técnica em seus objetivos.

É nesse sentido que Nietzsche não poupa críticas ao ensino superior. Começa por investigar o significado daquela autonomia de que os universitários tanto se orgulham: “Quando um estrangeiro quer conhecer o sistema de ensino de nossas universidades, ele pergunta primeiramente, com insistência: *Como o aluno está ligado à universidade?* Respondemos: *Pelo ouvido, é um ouvinte.* O estrangeiro se espanta. *Apenas pelo ouvido?*, pergunta mais uma vez. *O estudante ouve.*”⁽¹⁹⁾ Neste pequeno diálogo está contido o essencial do ataque de Nietzsche à universidade. Os estudantes crêm-se livres e autônomos, quando na verdade estão presos pelo ouvido e deixados à sua própria sorte, sem guias e de forma pseudo autosuficiente.

“Uma boca que fala, muitos ouvidos e menos da metade de mãos que escrevem — eis o aparelho acadêmico aparente, eis a máquina de cultura da universidade posta em atividade”.⁽²⁰⁾ O professor fala. Os alunos escutam.

Para Nietzsche, a “liberdade acadêmica” é o nome que se dá a esta dupla anatomia: de um lado, uma boca autônoma; de outro, orelhas autônomas. Atrás desses dois grupos, a uma relativa distância, está o vigilante Estado lembrando, de tempos em tempos, que deve ser ele *“o objetivo, o fim e a quinta-essência desses procedimentos de fala e de audição”*.⁽²¹⁾

A ilusão da “liberdade acadêmica” acaba não se mostrando benéfica. O estudante ressent-se quando percebe que não existem, na universidade, educadores para guiá-lo. Ele tem necessidade, ante a ambigüidade da existência e a perda das opiniões tradicionais, de alguém que o ajude a chegar a si mesmo.

Se a primeira crítica de Nietzsche ao ensino superior dirige-se à *liberdade acadêmica*, a segunda está centrada no fato de a universidade não formar indivíduos para a cultura.

(19) NIETZSCHE, Friedrich W. *Sobre el porvenir de nuestras escuelas*, Barcelona: Tusquets Editores, 2ª ed., p.69, 1980.

(20) Ibidem, p.70

(21) Ibidem, p.72

Se a universidade não abre suas portas para a arte, também não as abre para a filosofia. A esse respeito, a tese principal de Nietzsche é a seguinte: “o ensino universitário da filosofia não prepara o estudante para pensar, agir e viver filosoficamente: pelo contrário, o *instinto natural filosófico* é imobilizado pela cultura histórica. Na universidade, a filosofia está “politicamente limitada à aparência erudita”.⁽²²⁾

No modo de ver de Nietzsche, o filósofo universitário é o “anti-sábio” por excelência. É o *filósofo do Estado*, da *religião*, o *coleccionador dos valores em curso*, o *funcionário da história* que mascara a filosofia para sobreviver. Nietzsche acha que não existem filósofos nas universidades, mas apenas professores de filosofia. Esta é, para ele, a concessão mais perigosa que os filósofos fazem ao Estado, ou seja, comprometem-se a fazer o papel do erudito, do historiador da filosofia.

Em vez de educar o estudante para pensar e viver filosoficamente, adestrando-o pelas pulsões do saber, tanto o ensino médio como o ensino universitário acabam por desencorajá-lo a ter opiniões próprias, em função da massa de conhecimentos históricos que se é obrigado a assimilar. As escolas de ensino médio e as universidades não estão voltadas para a educação filosófica, mas para a *prova de filosofia*. Assim, nós⁽²³⁾, filósofos e educadores, ao invés de contribuirmos para atrair pessoas para a atividade de pensar, acabamos afastando-as.

(22) NIETZSCHE, Friedrich W. *Da utilidade e desvantagem da história para a vida*, Lisboa: Martins Fontes (Coleção Síntese), § 3, 1976.

(23) Aqui faço uso da conjugação na primeira pessoa do plural como forma de *acusação*!

“Todo homem sabe muito bem que está no mundo somente uma vez, como um caso único, e que jamais o acaso, por mais caprichoso que seja, reunirá uma segunda vez uma tão estranha diversidade multicolorida num todo tal como ele é.” (NIETZSCHE, Friedrich W. *Schopenhauer como educador*. Outubro de 1874) ⁽²⁴⁾

“A universidade **não** está voltada para a educação filosófica, mas para a **‘prova de filosofia’**.” ⁽²⁵⁾

(NIETZSCHE, Friedrich W. *Schopenhauer como educador*, § 8, p.79, 1983)

Não gostaria de ser repetitivo e nem de desconsiderar o restante da obra de Nietzsche analisada até aqui. Porém devo confessar que, particularmente, estas duas epígrafes, escolhidas *a dedo* dentro da obra de Nietzsche, falam muito ao meu *coração* de professor de 1º e 2º graus e de aluno da esfera universitária, tanto na graduação (1981-1986) como no curso de pós-graduação (1993-1995).

A rede pública de ensino, na qual venho atuando desde 1987, logo após a conclusão do meu curso de graduação em Filosofia; o ambiente universitário, que frequentei durante o período de minha graduação (1981-1986); e, atualmente, a minha participação no programa de pós-graduação (1993), proporcionaram-me, desde o início, inumeráveis exemplos de bufonaria; e é neste contexto que a citação de Nietzsche ganha sentido. Parece-me, e ousa dizer que aqui falo com muita propriedade, que, na verdade, o trabalho do professor (e volto a repetir: refiro-me aos professores de 1º e 2º graus e aos professores universitários) é um trabalho árduo, levado a cabo sem as mínimas condições ideais, tanto materiais quanto pedagógicas;

(24) Sabem, eu sou por natureza e pelo meu signo do zodíaco, um pouco exagerado mesmo, e esta é a segunda vez que eu cito este mesmo trecho da obra de Nietzsche; quero reforçar com isso a beleza de estilo e o domínio lingüístico do *meu* filósofo!

as péssimas condições de infra-estrutura das escolas — falta de salas de aula, poucas carteiras que acomodem os alunos, bibliotecas, videotecas; e, por absurdo que possa parecer, até mesmo dos materiais mais básicos para o desempenho do nosso *agradável e apaixonante labor* (aqui falo absolutamente com os *meus* sentimentos), lousas esburacadas e extremamente danificadas, iluminação precária para o ensino noturno, salas de aulas sem o mínimo de higiene, escassez de pessoal para manter em dia a documentação que diz respeito à *vida escolar* dos alunos e para supervisionar o *trânsito* dos mesmos no interior da escola e, pasmem, até mesmo a absurda falta de giz. Diria, com base na minha própria vivência e experiência, que o descaso com o sistema público de ensino e com o sistema universitário, ganha a cada dia contornos mais graves e, mais uma vez ousou dizer, que a Educação faz parte, vergonhosamente, dos *segundos* planos por parte daqueles que *determinam*, de dentro de seus gabinetes (esta expressão pode estar gasta, mas é adequadamente cabível e verdadeira aqui) a verba a ser aplicada na Educação, os métodos pedagógicos a serem utilizados e a terrível e completamente inútil burocracia com fichas de acompanhamento, aproveitamento e rendimento dos alunos; fichas descritivas dos resultados obtidos com o método pedagógico aplicado, ou seja e resumindo, a exigência de uma documentação que (sabemos lá o seu destino!) preencha os quadros estatísticos oficiais, que a despeito das deficiências aqui mencionadas, apontam para um desempenho julgado de ótimo a satisfatório e que acabam servindo, em última instância, *para inglês ver* (e me perdoem mais uma vez o lugar comum e o jargão) e que são apresentados para as instituições financeiras internacionais para a obtenção de novos empréstimos a serem aplicados em prol do exemplar sistema educacional brasileiro.

Não julgo exagero ainda comparar o trabalho do *educador/formador* (bem ao modo de Nietzsche: uma espécie cada vez mais rara) com a da condenação de Sísifo pelos deuses, ou seja: "*Os deuses tinham condenado Sísifo a empurrar sem descanso um rochedo até o alto de uma montanha, de onde a*

(25) O **grifo** é nosso (= *cortesia* . . . *n o v a m e n t e*!)

pedra caia novamente, em consequência do seu peso. Tinham pensado, com alguma razão, que não há castigo mais terrível do que o trabalho inútil e sem esperança."⁽²⁶⁾

É quase consequente um correlato entre a bela citação de Camus e o trabalho, por assim dizer, inútil do *educador/formador*.

A questão que me coloco é a seguinte: se a Educação é, sem sombra de dúvidas, essa *bufonaria tragicômica*, não seria nossa *tarefa*, enquanto filósofos e *educadores/formadores* realizar necessariamente um verdadeiro resgate e uma reflexão acerca da generalizada falta de interesse; do descuido quase que total pela formação se "*seres singulares*", preparados para dar *seu próprio* parecer acerca dos fenômenos e das infindáveis questões que esse nosso intrigante mundo nos coloca a todo instante; da priorização e do avanço das disciplinas *profissionalizantes* e das áreas de concentração das ciências exata e biológicas, cada vez mais acentuadas nos currículos escolares, em detrimento do grande achatamento das Ciências Humanas, enfim, não estaríamos vivendo o momento oportuno para bradar, ao exemplo de Nietzsche, contra o cego e obstinado objetivo de fornecer cada vez mais *informações, especialização e mão-de-obra* para um mercado cada dia mais exigente, em prejuízo do *cultivo* e da *formação singular* dos indivíduos?

E me permitam, a título de ilustração, esclarecer que, até o ano letivo de 1997, na rede estadual de ensino público, a Grade Curricular Oficial designava que fossem ministradas duas (02) aulas semanais da disciplina de Filosofia, para uma das séries do II grau, durante todo o ano letivo. A partir de 1998, após uma "*grande*" e *suspeitíssima* reforma na Grade Curricular; nossa "*querida*" ex-Secretária Estadual da Educação, Sra. Neunberg, decretou que fosse ministrada uma (01) aula semanal de Filosofia, para uma das séries do II grau, durante apenas um (01) semestre (é isso mesmo!). Tal reforma, na compreensão dos *educadores/formadores* (e não apenas deles), da disciplina de Filosofia, colocava uma grande barreira (para não dizer que trazia a *morte* do já então agonizante curso de Filosofia) para a realização de um trabalho honesto e proveitoso nesta disciplina. Permitam-me estender-me um pouco mais, mas a Filosofia não foi a única disciplina a ter sua carga horária drasticamente reduzida. As disciplinas de História, Psicologia, Geografia, Educação Artística e

(26) CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo — Ensaio sobre o absurdo*. Lisboa: Edição Livros do Brasil,

(pasmem!) Literatura, também passaram por um *enxugamento* determinado pela reforma das Grades Curriculares das escolas estaduais de ensino público.

Creio que isso deixa claro o desinteresse e o descaso de nossos “governantes” (?) e de seus secretariados em relação à condução da Educação. E quando falo no desinteresse e na quase ausente preocupação com a *formação singular*, por parte de nossos “governantes”, e é difícil conseguir pensar em alguém que possa ser poupado de tal acusação. Creio que nem nós, *educadores/formadores*, podemos nos esquivar de nossa parcela na participação dessa deterioração pela qual vem passando a Educação. Nem *nós* (perdoem-me, mas me atrevo a conjugar a frase na primeira pessoa do plural, pois não tenho a mínima pretensão de me eximir das minhas responsabilidades, também!), nem nossos “governantes”, nem educadores, nem alunos e nem a menor parte dessa hierarquia absurda, têm o *direito*, sequer por um instante, de julgar-se isento da responsabilidade pela deterioração de nosso sistema educacional, seja porque simplesmente pagam seus impostos em dia, e isto seja considerado o suficiente, seja pelo *falso julgamento* de que problemas desse porte são da alçada da direção e dos professores da escola (imaginem, e aqui eu me incluo também, a *nossa*, responsabilidade: *os aclamados especialistas da Educação!*).

Gostaria que se atentasse também para um fator que julgo de grande relevância e que vem se destacando a cada dia como determinante para o desinteresse generalizado pela Educação: a *franca* concorrência dos meios de comunicação e o desenvolvimento desenfreado da informática (e da mídia de um modo geral), que conseguem exercer um fascínio muito maior pela informação do que as incansáveis *batalhas* travadas nas salas de aulas e que têm por objetivos tanto a informação como a formação dessa *singularidade* que é o ser humano.

Quero dizer com isso que a escola, por mais aparelhada e por mais moderna que seja, não está conseguindo exercer quase que nenhuma espécie de atração (para não dizer sedução) para o cultivo e o aprimoramento daquilo que somos e do potencial intelectual que encerramos em nós mesmos.

Tanto a escola, na qual atuo no papel de *educador/formador*, quanto a universidade, onde ocupo o papel de *educando na busca incessante de*

formação, da maneira que se apresentam em minha cotidianidade, são tidas muito mais como um ponto de encontro (“*Point*”, na linguagem “*Teen*” da hora!) e de lazer, do que um lugar onde as pessoas buscam formação (gostaria de poder afirmar com muita convicção, satisfação e segurança: onde as pessoas se empenham no cultivo de si mesmas e na busca de formação).

Apesar de ser uma hipótese e fruto de muita especulação, acredito que podemos estar vivenciando o prenúncio de uma nova era na Educação. Uma era onde a conjugação entre os meios de comunicação e o avanço desenfreado da informática irão ocupar lugares de destaque no processo de aprendizagem. E pode ser também que estejamos subestimando este advento, que estejamos negando-o, pois ele significaria uma séria ameaça para a figura do educador, que poderá, num futuro não muito distante, ser mais um acessório na arte de educar.

[Permitam-me, mas **não** gostaria de levantar aqui um embate sobre essa hipotética possibilidade. Creio que o assunto é relevante e riquíssimo de detalhes a serem discutidos. Porém, acredito que este tema daria curso ou uma tese, e acabaria também por desviar os principais objetivos desse trabalho.]

Porém, isto ainda é especulação e deve ser objeto de uma reflexão mais detalhada. Para nossa realidade, é bom lembrar que, depois da invenção da imprensa e da consequente difusão e modernização do uso de livros, o que existe de mais avançado nas escolas da rede pública de ensino oficial, de um modo geral, é um videocassete (sempre guardado a sete chaves) e, quando muito, alguns microcomputadores disputadíssimos.

Voltemos, então, à questão inicial, ou seja, à falta de interesse que se generaliza cada vez mais.

Para retomar esta questão, gostaria que me permitissem fazer uso, mais uma vez, de um conceito nietzscheano e, diga-se de passagem, muito bem elaborado pelo filósofo. Nietzsche nos fala, ao longo de sua obra, do *cultivo do gênio*, ou seja, do desejo de se tornar gênio, do trabalho árduo da formação de si próprio.

Um trabalho que pressupõe, antes de tudo, a paixão; e aqui estamos em pleno âmbito da Filosofia, a qual requereu, desde os seus primórdios, a *paixão* como pressuposto básico para a incessante busca do saber. Parece-me que o que se perdeu de vista foi justamente este rico detalhe, qual seja, o de que um dos papéis fundamentais da escola é o de despertar a paixão por esta incessante busca de saber e os consequentes benefícios que essa busca proporciona para a *formação* do ser humano.

Hoje, o que vemos nos meios escolares e universitários, é uma grande priorização da quantidade de conteúdos, *totalmente desvinculados da vida* (como já observava Nietzsche no meio educacional, na Alemanha da segunda metade do século XIX), e a despreocupação com a sua verdadeira qualidade. É fato que, no meio escolar, preza-se muito mais a obtenção de resultados positivos e satisfatórios nas estatísticas de aprovação/reprovação; a quantidade da presença de professores titulados (mestres e doutores); e a avaliação pela qual estão passando atualmente as escolas de 1º e 2º graus e as Universidades, esquecendo-se e passando-se por cima da formação do material humano com o qual se lida nesses *estabelecimentos de ensino e formação*.

Lamentavelmente, a Educação interpela a Filosofia neste momento delicado, em busca de um sentido para o próprio ato de educar. (A CRIATURA ! APELANDO PARA O CRIADOR?!? Lembra-me a magnífica cena do “cult movie” de Ridley Scott, “Blade Runner — O caçador de andróides”, quando o *replicante* Roy (o ator Rutger Hauer), da recém-lançada série de *Nexus 6*, que tem a inteligência e a força de vários humanos, encontra o seu *fabricante*, Mr. Tyrell (o ator Joe Turkel) e lhe pergunta quanto tempo de vida ainda lhe resta; já que os replicantes eram fabricados na “*Tyrell Corporation*” e eram, então, *programados* para durar um determinado período de tempo, que variava, segundo as *funções* para as quais eram destinados, de quatro a seis anos. Mas esta é uma outra longa e apaixonante estória.)

E a Filosofia não pode ficar isenta de responsabilidade, principalmente quando se desviou de dois importantes objetivos seus, quais sejam, o do dizer apaixonado (e não se confunda aqui o discurso apaixonado da Filosofia com o discurso poético; esses discursos, às vezes, podem ser semelhantes, mas um abismo os separa. Hoje, já não tenho tantas dúvidas de que o poeta *desvela* os segredos

ocultos pela natureza e pelos deuses. Ao filósofo cabe, quando muito, buscar subsídios no discurso do poeta e jamais imitá-lo; coisa que Nietzsche compreendeu e fez muito bem.) Ao desviar-se de seu destino, e estou certo de que assim posso dizer, a Filosofia contribuiu para o esquecimento da busca admirada e apaixonada do saber. Ao distanciar-se do discurso admirado e apaixonado, a Filosofia deixou de lado aquilo que fazia parte da sua própria essência e passou a buscar grandes sistemas lógicos de explicação e de compreensão do vazio em que se encontrava. Deixou de habitar o mundo dos homens, para instalar-se apenas no mundo das grandes idéias, das especulações celestiais, das idéias e ideais cosmológicos que pouco tinham a ver com os homens. E por que não levantarmos uma acusação, por mais dolorida que seja, contra a parte mais expressiva da Filosofia e a maior parte dos filósofos? Tanto um como outro (não creio que exista tal distinção) passaram a servir aos interesses do Estado, passaram a ser meros *servidores* burocratas (o *professor de filosofia*, do qual nos fala Nietzsche, e o filósofo de gabinete) e deixaram de lado o *livre* pensar. Deveríamos pensar em redirecionar a trajetória da Filosofia. E, parafraseando Nietzsche, deveríamos redirecioná-la desta vez por caminhos da verdadeira terra (humus); de uma maneira *humana, demasiadamente humana*. Deveríamos reescrevê-la com sangue, *reescrevê-la em todas as paredes do mundo, com letras que até os cegos pudessem ler*, bem ao gosto desafiante de Nietzsche.

Poético, dirão alguns! Absurdo, exclamarão outros! Loucura, gritarão muitos!

Eu ouvirei tais insultos e advertências e continuarei acreditando que a Educação e a consequente formação dos indivíduos só podem ser pensadas pressupondo-se que haja uma retomada do cultivo do gênio, no sentido nietzscheano que essa expressão guarda (e não pensem que Nietzsche estava se referindo aos gênios no sentido de agraciados com dons divinos ou de uma minoria privilegiada. Não, absolutamente não. Nietzsche nos adverte para o fato de que não nascemos gênios, construímos e tornamo-nos gênios. Nietzsche apenas não nos deixou uma teoria acabada e logicamente sistematizada, bem ao gosto da maioria dos pensadores. É isso que o torna grande, ou seja, Nietzsche deixa sempre uma abertura, um olhar

mais adiante. Antes de nos deixar uma sentença, Nietzsche nos deixa uma sugestão sentenciada.)

Acredito que o engodo da “Educação para todos” já fez vítimas demais para continuar sendo ostentada como verdade, como meta governamental ou como epígrafe nos pórticos escolares. Essa fantasia grosseira, que mistura um pouco do mascarado, porém divulgadíssimo *ditado* nos meios educacionais — “façam de conta que nós ensinam e faremos de conta que aprendemos” —, com um pouco da educação para a liberdade e mais um tanto de teoria da conquista da cidadania, já deu seus frutos (*O sancta simplicitas!*). Creio que já nos enganamos demais sobre os reais interesses de cada indivíduo pela Educação. Não pensem, no entanto, que me esqueci do fato de que, em nossa realidade, o acesso à escola é desigual e seletivo.

Porém, não podemos ter a pretensão de equalizar tais interesses, generalizando-os e transformando-os num desejo abstrato e comum a todos. Não, absolutamente não. Sabemos que o ideal da “Educação para todos” *cristalizou-se*, ou seja, tornou-se uma idéia permanente mas sem sentido; e enquanto esta ilusão permanecer por sobre nossas cabeças, feito uma verdade ou meta a ser atingida, nosso trabalho será sempre aparentado ao de Sísifo na montanha, um rolar de pedras, inútil.

Mas, para sermos justos com Nietzsche, devemos começar por desmascarar certas “verdades” (como a do ensino para todos, e isto também é assunto para *tese*) que ocultam muito mais interesses corporativistas do que empenho na formação e no cultivo de indivíduos.

Se em nossos dias a Educação interpela a Filosofia em busca de um sentido para a sua própria razão de ser, deve então estar, antes de tudo, preparada para ouvir e assimilar algumas sugestões, nem sempre tão *saborosas* e agradáveis.

“Em algum lugar há ainda povos e rebanhos, mas não entre nós, meus irmãos: aqui há Estados.

Estado? O que é isso? Pois bem! Agora abri-me vossos ouvidos, pois agora vos direi minha palavra da morte dos povos.

Estado chama-se o mais frio de todos os monstros frios. Friamente também ele mente; e esta mentira rasteja de sua boca: ‘Eu, o Estado, sou o povo’.

É mentira! Criadores foram os que criaram os povos e suspenderam uma crença e um amor sobre eles: assim serviam à vida.

Aniquiladores são aqueles que armam ciladas para muitos e as chamam de Estado: suspendem uma espada e cem apetites sobre eles.”

*(NIETZSCHE, Friedrich W. **Así habló Zaratustra — Del nuevo ídolo.** 1985, p.82)*

Nietzsche não sistematizou, da maneira radicada, tradicional e à qual já estamos bem acostumados, a coisa política, ou seja, a forma política basicamente no sentido de *poder político-estatal*. Antes, foi o analista e crítico dos valores, da moral, da cultura e da metafísica, e aí podemos encontrar o Nietzsche político.

Nietzsche percebe, de uma maneira magnífica, que *poder político, valor e cultura* são elementos que se complementam e se co-determinam de modo fundamental, sendo que, tanto os valores como o sistema cultural constituem *formas* de poder político: *“Insisto em que finalmente se deixe de confundir com filósofos os trabalhadores filosóficos e, sobretudo, os homens de ciência (...). Talvez seja indispensável, na formação de um verdadeiro filósofo, ter passado alguma vez pelos estágios em que permanecem, em que têm de permanecer os seus servidores, os trabalhadores filosóficos (...).* Mas os autênticos filósofos são comandantes e legisladores: *eles dizem ‘assim deve ser!’*, *eles determinam o para onde? e para quê? do ser humano*, e nisso têm a seu dispor o trabalho prévio de todos os trabalhadores filosóficos (...). Seu ‘conhecer’ é criar, seu criar é legislar, sua vontade de verdade é

— *vontade de poder*. — *Existem hoje tais filósofos? Já existiram tais filósofos? Não têm que existir tais filósofos?...*” (27)

Se não estiver enganado em minhas constatações, Nietzsche estaria buscando o verdadeiro significado de suas observações com relação à ausência, na Europa do século XIX, de autênticos *filósofos legisladores*, capazes de *dar ordens* e que determinassem o *para onde* e o *para quê* do ser humano. Constatações desse estilo nos colocam diante de uma questão fundamental para a compreensão das observações de Nietzsche acerca da política: ela diz respeito à *modernidade*. A grande e fundamental preocupação de Nietzsche é com a Europa do século XIX e do fracionamento da crise político-cultural européia, que o próprio Nietzsche vivencia e da qual é o crítico irônico, de quem tanto alarde fazem e tão pouco compreendem. É a partir dessa preocupação que devemos compreender a análise e o retorno que Nietzsche faz do *passado* com vistas ao *presente-futuro*. Considero incorreto supor que a análise que Nietzsche faz da Grécia seja o seu *ponto de partida fundamental* para a compreensão da sua crítica à modernidade e, por que não, *de seus contemporâneos*. O próprio método de análise predileto de Nietzsche, qual seja, o método genealógico, coloca por terra a suposição de que ele faz um retorno ao *passado* em busca de um entendimento do *presente-futuro*. Antes, ao contrário, Nietzsche parte da avaliação de sua própria vivência da modernidade para procurar compreender e analisar a cultura grega, sobretudo a pré-socrática. Nietzsche não busca, através desse *processo* de análise do passado, responder questões do tipo “como foi tal e tal período”; busca primordialmente responder as implicações do desenvolvimento, do que foi o *passado*, naquilo que existe de importante para nós, modernos e contemporâneos. Se estiver certo em minha linha de pensamento, posso afirmar que a avaliação que Nietzsche faz da Grécia procura explicitar não o que ocorreu naquele dado momento histórico, e sim *o que ainda se encontra vivo e presente na cultura moderna* e o que ela tem de *negativo*. Porém, seria um erro e uma falsa interpretação supor que Nietzsche busca em sua análise da pólis grega, principalmente antes da sua decadência, que para ele se dá com o advento do

(27) NIETZSCHE, Friedrich W. *Além do bem e do mal: Prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, § 211, p.117 e 118, 1992.

socratismo⁽²⁸⁾, um padrão de julgamento para avaliar a Europa moderna. Nietzsche obtém a confirmação, através desse *retorno ao passado* (leia-se Grécia Antiga), de que na verdade o ocidente moderno, que se autodenominou “filho legítimo” da cultura grega, perdeu os principais elementos que constituíam essa declarada *paternidade*. Não obstante, os esforços modernos, na busca da recuperação dos ideais da polis grega, desaguaram na própria dissolução desse mesmo ideal. Se existe um valor nesse esforço dos modernos e do *retorno ao passado* em Nietzsche, não é o de tirar lições históricas com os gregos mas, antes, o de ir mais *além*, transvalorar os valores e dar início ao além-do-homem (*Übermensch*).

Podemos dizer com segurança que o mundo moderno perdeu de vez o seu “elo” com os gregos e com a “tradição” na qual o homem era visto como *ser da natureza*, ou seja, envolto por ela, mesmo quando a submetia parcialmente por meio de seu trabalho, dos seus ritos, do seu pensamento mito-poético ou mesmo filosófico, com o qual procurava uma justa relação de *ordem natural*. Depois que o homem moderno se afastou do sentido originário de *natureza* (physis) e começou a encará-la do ponto de vista de um *problema técnico*, passou a se dedicar à *conquista racional da natureza*. Parece evidente que a sociedade moderna tem mantido com a *natureza cósmica* uma certa relação de, digamos, subsistência; não se contentando, porém, com o que ela oferece, e dessacralizando-a por completo. Aquilo que a *natureza oferece* é tido pelos modernos não como matéria vibrante, mas como mero manancial de matérias-primas utilizáveis, destituídas de qualquer noção *cósmica de natureza*.

A natureza deixa de ser percebida como algo globalizante que dá sentido ao todo e ao indivíduo, e passa a ser vista como algo exterior, um espaço a ser ordenado e unificado com objetivos de conquista e domínio. O espaço globalizado deixa de ser considerado como o lugar dos deuses e de sua epifania, ou como caos desordenado submetido totalmente ao acaso, e passa a ser visto como um todo regido

(28) “Os gregos parecem-me estar muito longe de nós.” In: NIETZSCHE, Friedrich W. *Crepúsculo de los ídolos o Como se filosofa con el martillo*. Madri: Alianza Editorial, 2ª ed., p.132, 1975.

por determinadas leis, cujo conhecimento permite ao homem moderno dominá-la mais facilmente.⁽²⁹⁾

O mundo, cuja crise Nietzsche *sente, observa, vive e do qual intui* as dramáticas consequências, é exatamente esse mundo moderno e *dessacralizado*, com suas certezas no futuro, na Ciência, na História, no Estado, e sobretudo no Progresso, enquanto significado de *positivo* do destino da humanidade. Porém, a importância de Nietzsche não reside tanto no fato de ele ter sido um dos mais contundentes críticos desses *desvios* da modernidade. Sua importância fundamental está no fato de ele ter percebido, *tragicamente*, podemos afirmar, que o sistema da Razão moderna e o seu senso comum, com suas noções de História, Verdade, Estado, Valor, Moralidade, Consciência, ao constituírem um conjunto ordenado de representações, um *imaginário social*, o que realmente compuseram foi, na verdade, uma forma de clausura daquilo que esse próprio sistema da Razão moderna havia ordenado e representado, ou melhor, uma forma de clausura da *primeira natureza* do homem, o seu corpo, enquanto diversidade e fator de desejos, paixões, afetividade, sensações e sentimentos. A Razão moderna e o *imaginário social*, que ela compõe, fizeram do poder do pensamento uma “segunda natureza”, a dominar e a enclausurar a primeira.

Como forma de expressão que a Razão moderna passou a instaurar como unicamente válido, Nietzsche lançará mão de uma bela arma, de uma linguagem mais *além*, de medidas poéticas — ele se resolve com o recurso da linguagem aforismica — utilizando-se de seu novo modo de *discurso* como um modo de coibir os esforços limitadores do saber institucionalizado, saber político-social, que prioriza os fatos imediatos (*linguagem jornalística e periodista, o saber a qualquer preço, etc.*). Por isso mesmo parece difícil classificar o *assistemático* e *aforístico* Nietzsche e colocar o seu pensamento sob o rótulo comum — “nietzschianismo” — ao modo e proporção que encontramos nas denominações: cartesianismo, kantismo, hegelismo, marxismo, etc., etc..

(29) Sobre essa questão da dessacralização do mundo e para uma melhor compreensão, cf. as brilhantes análises de VICENTE FERREIRA DA SILVA in: *Obras completas*, São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, 1964, v.1; especialmente cap. V — *Teologia e antihumanismo* —

Na minha maneira de compreender, o que realmente existe, no caso de Nietzsche, não é um sistema, mas uma ação poética que revaloriza o vivido e o sentido (afetividade), aceitando-o como uma variável fundamental no que diz respeito à produção de conhecimentos. Deste modo, o *meu* filósofo relativiza o papel do concebido, que no *Logos* moderno veio sendo visto e considerado como o elemento determinante. Com isso, Nietzsche esperava ser capaz de resgatar para a humanidade aquilo que para ele compunha uma necessidade vital que, para nós ocidentais, parecia estar esquecido: o amor em sua mais pura acepção latina — *amore* — que quer dizer “sem normas”, algo capaz de aceitar tudo em nome da grande paixão, sem a qual não existe sabedoria, nem conhecimento, nem arte e, tampouco, *futuro*.

Pergunto-me, ainda, se o pensamento de Nietzsche poderia ser “usado” ainda hoje, como um instrumento para se pensar a educação. Será que seu exemplo ainda pode servir para nos educar a nós mesmos e, conseqüentemente, educar a quem educamos?

ENCERRAMENTO

**(A DESCIDA DAS CORTINAS!!! EXPECTATIVA... OUÇO
APLAUSOS?!!...)**

(Conclusão - A música se desvanecendo lentamente no infinito. . . .)

(Allegro moderato - Lento)

“(…) Tenho um medo pavoroso de que um dia me declarem **santo**: perceberão por que publico este livro **antes**, ele deve evitar que se cometam abusos comigo. . . Eu não quero ser santo, seria antes um bufão. . . **Talvez eu seja um bufão. . .** (…)⁽³⁰⁾

— Fui compreendido? — Dionísio contra o Crucificado. . .”

(NIETZSCHE, Friedrich W. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é. - Por que sou um destino*. p.109 e 117, 1995)

Como vimos, as teses de Nietzsche nunca foram tão atuais. Ele apontou problemas que, apesar dos esforços de alguns educadores bem-intencionados, ainda não foram resolvidos. Um deles — e talvez o mais grave — é o ensino da língua materna, até hoje um grande desafio. Cada vez mais se abandona a formação humanística, em favor de uma educação voltada para as necessidades do parque industrial. Isso é um incentivo aos indivíduos para um preparo rápido, uma profissionalização que os torne aptos a trabalhar na “fábrica da utilidade pública” e a servir como técnicos na maquinaria do Estado. Uma formação humanística seria um “*luxo*” que os afastaria do mercado de trabalho.

Como filósofo-educador e “médico da cultura”, Nietzsche repensou as questões da educação a partir das necessidades vitais e não das necessidades do mercado de trabalho, este criado para satisfazer as exigências do Estado e da burguesia mercantil. Adotou a vida como critério fundamental para todos os valores da educação e, com isso, atacou as convicções que sustentavam o sistema educacional de sua época.

Sua filosofia é o reflexo de sua personalidade, a história de uma lenta formação pessoal, fruto da confrontação constante de seu pensamento com o

experiência do divino nos povos aurorais”, p.303.

(30) Os **grifos** são meus!

mundo exterior. Ainda que incompreendido por seus contemporâneos, sugeriu práticas pedagógicas e foi, ele mesmo, um exemplo de educador.

Se o produto mais genuíno de um filósofo é a sua vida, então ela diz respeito tanto àquele que a criou como aos outros homens. Assim, podemos perguntar: o que significa para nós esse filósofo, o que ele pode nos dar, e em que seu exemplo pode alimentar-nos?

Podemos pensar por um momento que a vida de um pensador é a sua obra, e que podemos descobrir nela novas possibilidades de vida. Acrescentamos ainda que um filósofo, como quer Nietzsche, só pode ser estimado quando puder servir de exemplo — e esse exemplo deve ser dado, como ensinam os filósofos gregos — por sua atitude, vale dizer, sua maneira de se vestir e de se alimentar, seus costumes, e isso mais do que pelo que diz ou escreve. Será que, considerando a vida e o pensamento de Nietzsche, podemos tomá-lo como exemplo, assim como ele tomou os gregos? E mais: o que significa tomá-lo como exemplo?

Antes de mais nada, tomar Nietzsche como exemplo significa educar-se incansavelmente, adquirir uma capacidade crítica pessoal e uma capacidade de pensar por si, aprender a ver, habituando o olho ao repouso e à paciência, dominar o “instinto do saber a qualquer preço”, utilizando este princípio seletivo: aprender aquilo que puder viver e abominar tudo aquilo que instrui sem aumentar ou estimular a atividade, manter uma postura artística diante da existência, trabalhando como artista a obra cotidiana, dar à vida o valor de um instrumento e de um meio de conhecimento. Assim, os falsos caminhos, os erros, as ilusões, as paixões, as esperanças podem conduzir a um único objetivo: a educação de si próprio.

Buscar subsídios e contribuições *em* Nietzsche não significa pensar *como* ele, mas sim em *companhia* dele.

**“Levamos hoje no coração
algo do que não éramos
na última lua.
(...)”**

(SILVA, Dora Ferreira da. *Talhamar: Sete Poemas de Ubatuba*. VII, 1978, 2ª ed.)

“A cobra que não pode mudar de pele, morre. Igualmente, os espíritos que são impedidos de mudar de opinião, deixam de ser espíritos.”

(NIETZSCHE, Friedrich W. *Aurora*, § 573, 1977)

HINO À VIDA

(Allegro vivace)

HINO À VIDA⁽³¹⁾

(Lou Andreas-Salomé/Friedrich W. Nietzsche)

“Tanto como se amam dois amigos
Te amo, vida misteriosa
Que tragas choro ou regozijos
Horas de sorte ou dolorosas.

Eu te amo e a teus dissabores
Mesmo que me tires o alento,
Deixo teus braços sem rancores
Com adeuses de amigo atento.

Com força quero-te abraçar!
Acenda em mim as tuas chamas
No afã da luta hás de deixar
Me abrir o enigma da tua trama.

Milênios para viver e pensar
Lança fora o que tens por dentro!
Se não tens mais venturas a me dar
Pois bem — inda tens teus tormentos.

(Depois que eu, em certa ocasião, o escrevi em memória a Nietzsche, e este lhe pôs música, passou a soar mais solenemente, com versos de pés um pouco mais compridos.)⁽³²⁾

(31) ANDREAS-SALOMÉ, Lou. *Minha vida*. São Paulo: Brasiliense, 1ª ed., 1985, p.30.

(32) Lou havia entregue para Nietzsche a “*Oração à Vida*” em agosto de 1882, em Tautenburg, e ele a musicou, logo depois, em Naumburg; de acordo, porém, com uma carta dele à sua irmã, em 1887: “*a melodia provém de uma época anterior*”. Como “*Hino à Vida*”, com a ajuda de Peter Gast, e depois da versão que em setembro de 1882 o prof. Riedel, presidente da Sociedade Musical Alemã, fez para “coro a quatro vozes”, (conforme Nietzsche escreveu a Lou Andreas-Salomé), num arranjo “para coro misto e orquestra”, apareceu a composição em 1887.

BIBLIOGRAFIA

(Finale)

- NIETZSCHE, Friedrich W.** *Obras incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, 3ª ed. (Col. Os Pensadores).
- *Obras completas*. Buenos Aires: Aguilar Editor, 1950.
- *Sobre el porvenir de nuestras escuelas*. Barcelona: Tusquets Editores, 1980, 2ª ed.
- *Nietzsche - Opere 1870/1881: Verità e menzogna e altri scritti giovanili: Cinque prefazione per cinque libri non scritti*. (prefácio de Mazzino Montinari). Roma: Grandi Tascabili Economici Newton, 1993, 1ª ed.
- *Consideraciones intempestivas I: David Strauss, el confessor y el escritor (y Fragmentos póstumos)*. Madri: Alianza Editorial, 1989, (v. 1.342).
- *Considerações intempestivas II: Da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Lisboa: Martins Fontes, Coleção Síntese, 1976, 1ª ed.
- *Considerazioni Inattualli III: Schopenhauer come educatore*. (Introdução de Mazzino Montinari). Roma: Adelphi, 1985, 16ª ed. (Piccola Biblioteca Adelphi nº 184).
- *O nascimento da tragédia: ou Helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- *El nacimiento de la tragédia: o Grecia y el pesimismo*. Madri: Alianza Editorial, 1993, (v. 456), 11ª ed.
- *Aurora*, Porto: Rés Editora, 1977.
- *Así habló Zaratustra: Un libro para todos y para nadie*. Madri: Alianza Editorial, 1985, (v.377), 12ª ed.
- *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- *Más allá del bien y del mal: prelude de una filosofía del futuro*. Madri: Alianza Editorial, 1975 (v.406), 2ª ed.
- *La genealogia de la moral: un escrito polémico*. Madri: Alianza Editorial, 1992, (v. 356), 14ª ed.
- *Crepúsculo de los idolos o Como se filosofa con el martillo*, Madri: Alianza Editorial, 1975 (v.467), 2ª ed.
- *O anticristo*. São Paulo: Editora Moraes, 1984.

— *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. São Paulo: Max Limonad, 1985, 1ª ed.

— *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

— *Ditirambos de Dioniso*. Lisboa: Guimarães Editores, 1986 (Edição Bilingue).

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1976.

ABRIL CULTURAL. *Grandes compositores: cronologia, vocabulário da música e a orquestra sinfônica*. São Paulo: 1982, 2ª ed.

ANDREAS-SALOMÉ, Lou. *Minha Vida*. São Paulo: Brasiliense, 1985, 3ª ed.

— *Nietzsche em suas obras*. São Paulo: Brasiliense, 1992, 1ª ed.

ARTAUD, Antonin. *Os escritos de Antonin Artaud*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1983, 1ª ed. (Col. Rebeldes & Malditos, v. 3).

BURNS, Edward McNall. *História da civilização ocidental*. Porto Alegre: Editora Globo, 1982, v. 2, 24ª ed.

CAMUS, Albert. *O mito de Sisifo: ensaio sobre o absurdo*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1973.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Porto: Rés Editora, 1991.

— *Nietzsche*. São Paulo: Martins Fontes (Biblioteca Básica de Filosofia), 1975.

EISNER, Lotte H. *A tela demoníaca*. Rio de Janeiro: Paz e Terra/Instituto Goethe, 1985, 1ª ed. (Col. Biblioteca Alemã; v. 6).

ESCOBAR, Carlos Henrique de (Orgs.). *Por que Nietzsche?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986, 2ª ed.

FINK, Eugen. *A filosofia de Nietzsche*. Lisboa: Editorial Presença, 1988, 2ª ed.

GUARDIA, Ernesto de la. *Tristan e Isolda de Richard Wagner (Libreto traducido y analizado)*, Buenos Aires: Ricordi Americana, 1948, 1ª ed.

- HABERMAS, Jürgen.** *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990; Cap. III: “Três Perspectivas: Hegelianos de Esquerda, Hegelianos de Direita e Nietzsche”, p. 57-80 e Cap. IV: “A entrada da modernidade: Nietzsche como ponto de viragem”, p.89-108.
- HALÉVY, Daniel.** *Nietzsche*. Lisboa: Editorial Inova, 1970.
- HERZOG, Werner.** *Fitzcarraldo*. Porto Alegre: Editora L&PM, 1982.
- HOBBSBAWM, Eric J.** *A era dos impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, 2ª ed.
- HÖLDERLIN, Friedrich.** *Poemas*. São Paulo: Companhia da Letras, 1991, 1ª ed.
- LEFEBVRE, Henri.** *Nietzsche (breviários)*. México/D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1972, 2ª ed.
- MACHADO, Roberto.** *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- MACK, Dietrich & VOSS, Egon.** *Ricardo Wagner: vida y obra en fechas y imágenes*. Versión abreviada de la edición original de la Insel Verlag: 1978 (*Richard Wagner: Leben und Werk in Daten und Bildern*) Frankfurt: SDU, 1983.
- MANN, Heinrich.** *O pensamento vivo de Nietzsche*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1944, 2ª ed.
- MARTON, Scarlett.** *Friedrich Nietzsche: uma filosofia a marteladas*. São Paulo: Brasiliense, 1982, 1ª ed. (Col. Encanto Radical, v. 11).
- *Nietzsche hoje? (Orgs.)*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1990, 1ª ed.
- *Nietzsche: a transvaloração dos valores*. São Paulo: Moderna, 1993, 1ª ed. (Col. Logos).
- MELLO, Mario Vieira de.** *Nietzsche*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975 (Col. Debates, nº 40).
- NAGIB, Lúcia.** *Werner Herzog: o cinema como realidade*. São Paulo: Estação Liberdade, 1991, 1ª ed.
- NAUMIM, Aizen.** *Blade Runner: denúncia ou brincadeira?* Rio de Janeiro: Editora Brasil América-EBAL, *Cinemim: a revista do cinema*, nº 1 (5ª série), nov. 1982, pp. 26-30.

- NAZÁRIO, Luís.** *De Caligari a Lili Marlene: cinema alemão*. São Paulo: Global Editora, 1983, 1ª ed.
- NEWMAN, Ernest.** *História das grandes óperas e seus compositores— Richard Wagner*. São Paulo: Globo, 1949, v. 1, 3ª ed.
- RAYNAUD, Phillippe.** *Nietzsche educador*. In: *Por que não somos nietzscheanos*. **BAOYER, Alain...** | et al. |, São Paulo: Editora Ensaio, 1994, p.191-212.
- RILKE, Rainer Maria.** *Elegias de Duino*. Trad. e comentários de Dora Ferreira da Silva. Porto Alegre: Editora Globo, 1976, 2ª ed.
- SHAFF, Adam.** *A sociedade informática*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista/UNESP, Brasiense, 1995, 4ª ed.
- SCHNERB, Robert.** *O século XIX, o apogeu da civilização europeia*. In: **CROUZET, Maurice.** *História geral das civilizações*. São Paulo: Difel, 1969, tomo VI, 3ª ed.
- SILVA, Dora Ferreira da.** *Talhamar*. São Paulo: Massao Ohno-Roswitha Kempf/Editores, 1978, 1ª ed.
- SILVA, Vicente Ferreira da.** *Obras completas*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, 1964, 2 volumes.
- SONTAG, Susan.** *Sob o signo de Saturno*. São Paulo: L&PM Editores, 1986, 2ª ed.
- STEINBERG, Michael.** *Richard Wagner: vida e obra*. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil, Enciclopédia Salvat de ~~compositores~~ os compositores, v.2, fascículos de 42 a 45, 1983.
- STEINHAUSEN, H. W.** *O teatro dos festivais de Wagner em Bayreuth*. Rio de Janeiro: Philips/Phonogram, 1977. Folheto integrante da gravação integral ao vivo da Tetralogia “O anel dos Nibelungos”: ‘O ouro do Reno’, ‘As Valkírias’, ‘Siegfried’ e ‘O crepúsculo dos deuses’, em comemoração ao Centenário de Bayreuth.
- STERN, J. P.** *As idéias de Nietzsche*. São Paulo: Cultrix, 1982 (Mestres da modernidade).
- VATTIMO, Gianni.** *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. Lisboa: Editorial Presença, 1987, 1ª ed.